



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

LAÍS NEVES LOPES

**JUVENTUDES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES: DIFERENÇAS E
DESIGUALDADES NA CIDADE E NA ESCOLA**

Presidente Prudente

2023

LAÍS NEVES LOPES

JUVENTUDES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES: DIFERENÇAS E
DESIGUALDADES NA CIDADE E NA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Faculdade, Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Presidente Prudente, como requisito obrigatório para a obtenção de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Nécio Turra Neto

Presidente Prudente

2023

L864j Lopes, Laís Neves
Juventudes e Múltiplas Territorialidades : Diferenças e
Desigualdades na Cidade e na Escola / Laís Neves Lopes. --
Presidente Prudente, 2023
73 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Nécio Turra Neto

1. Juventudes. 2. Escola. 3. Cidade. 4. Culturas Juvenis. 5.
Fragmentação Socioespacial. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada

LAÍS NEVES LOPES

JUVENTUDES E MÚLTIPLAS TERRITORIALIDADES:

Diferenças e desigualdades na cidade de na escola.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Presidente Prudente, para obtenção do título de Grau acadêmico de Bacharela em Geografia.

Data da defesa: 27/01/2023

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Nécio Turra Neto

UNESP – Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente



Prof. Me. Regina Helena Penati Cardoso Ferreira

UNESP – Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente



Prof. Me. Ana Carolina dos Santos Marques

UNESP – Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo 2018/07701-8) que, com o apoio e subsídio, possibilitou o acontecimento desta pesquisa.

Agradeço à minha família, em especial, à mulher de minha vida, minha mãe, a quem sempre retorno em meus pensamentos se me esqueço de quem sou e para onde devo ir, e a quem devo todo reconhecimento que tenho e terei, pois mora nela o começo de tudo. Dela também recebi meu melhor amigo, meu irmão, parte imprescindível de mim, o homem da minha história, a quem agradeço por toda uma vida de parceria infinita.

Agradeço meus amigos, que não nomearei aqui por conta da extensa lista de sorte que carrego. A eles, meu muitíssimo obrigada por todos meus fragmentos caídos, que eles recolheram do chão e me refizeram, sempre em uma melhor versão. Amo vocês profundamente, são a pura essência de Deus em minha trajetória.

Agradeço também ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Nécio Turra Neto, quem me acompanha desde os primeiros passos nesta ciência tão linda, sempre com imensa generosidade e parceria.

Agradeço à Escola Estadual Fernando Costa pela oportunidade, à grandíssima professora e amiga Regina Penati, pelas portas abertas e pela ternura de sempre, e aos jovens participantes da pesquisa, pelo ato de compromisso e partilha de suas experiências tão importantes.

Agradeço a Nossa Senhora Aparecida e São Jorge, minha mãezinha e meu santo guerreiro, que caminham ao meu lado constantemente, fortalecem meu corpo para os enfrentamentos da vida.

Por fim, agradeço ao privilégio de estar viva, e a possibilidade de ter os meus ao meu redor, todos sobreviventes da pandemia da Covid-19 e de um governo da morte. Estamos vivos, mas que não nos esqueçamos nunca dos que se foram.

RESUMO

Realizada na cidade de Presidente Prudente – SP, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (FAPESP), a presente pesquisa teve por objetivo geral entender a dinâmica da fragmentação socioespacial, partindo da experiência de jovens menos favorecidos/as, ligados à coletivos ou culturas juvenis, visando entender a leitura que fazem a partir de suas posicionalidades na cidade, bem como compreender os saberes que circulam nesses coletivos/culturas. Os objetivos específicos tiveram intenção de acessar como essas jovens instituem e negociam suas diferenças e suas pautas, tematizadas nos coletivos juvenis e nos espaços formais de aprendizagem, nesse caso, na Escola Fernando Costa, espaço onde estudam as/os participantes da pesquisa, assim como entender suas diferentes experiências, conflitos e construções identitárias enquanto moradores da cidade de Presidente Prudente. Produzida durante a pandemia da Covid-19, a pesquisa teve de se adaptar metodologicamente à essa conjuntura, portanto, as metodologias foram realizadas inteiramente à distância, passando pelo levantamento bibliográfico, aplicação de questionário, entrevistas, netnografia, sistematização dos dados e escrita e conclusão dos resultados, apresentados todos no presente trabalho. Por conta deste contexto, houve também limitações quanto ao atendimento aos objetivos inicialmente propostos. Não acessamos propriamente jovens de coletivos juvenis, mas aqueles que se disponibilizaram em participar. Concluímos que há uma profunda conexão entre o espaço escolar, a cidade e as juventudes, jovens que produzem, aprendem e compartilham saberes, por vezes conflituosos, através de suas variadas experiências enquanto estudantes, cidadãos e participantes de culturas juvenis.

Palavras-Chave: Juventudes. Escola. Cidade. Presidente Prudente.

ABSTRACT

Carried out in the city of Presidente Prudente - SP, with the support of the Foundation for Research Support in the State of São Paulo (FAPESP), this research had the general objective of understanding the dynamics of socio-spatial fragmentation, based on the experience of underprivileged young people, linked to collectives or youth cultures, aiming to understand the reading they make from their positionalities in the city, as well as to understand the knowledge that circulates in these collectives/cultures. The specific objectives had the intention of accessing how these young people institute and negotiate their differences and their agendas, themed in juvenile collectives and in formal learning spaces, in this case, in the Fernando Costa School, where the research participants study, as well as to understand their different experiences, conflicts, and identity constructions as residents of the city of Presidente Prudente. Produced during the Covid-19 pandemic, the research had to adapt methodologically to this conjuncture, therefore, the methodologies were carried out entirely at a distance, going through the bibliographical survey, questionnaire application, interviews, netnography, data systematization and writing and concluding the results, all presented in this report. Because of this context, there were also limitations as to the fulfillment of the objectives initially proposed. We did not exactly access young people from juvenile collectives, but those who were willing to participate. We concluded that there is a deep connection between the school space, the city, and the young people, young people who produce, learn, and share knowledge, sometimes conflicting, through their varied experiences as students, city dwellers, and participants of juvenile cultures.

Key-words: Youth. School. City. Presidente Prudente.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELA

Gráfico 1 - Questionário "A escola IE Fernando Costa é..."	31
Gráfico 2 – Participação em coletivos juvenis	48
Gráfico 3 – Identificação dos jovens com culturas juvenis	48
Gráfico 4 - Questionário "A cidade de Presidente Prudente é..."	55
 Tabela 1 - Relação entre bairros e números de vezes que foram citados pelos respondentes..	27

LISTA DE FIGURAS E MAPAS

Figura 2 - Perfil netnográfico dos/as colaboradores/as.....	41
Figura 3 - Perfil netnográfico dos/as colaboradores/as.....	42
Figura 4 - Jurisdição das paróquias no perímetro urbano da cidade de Presidente Prudente ...	50
Figura 5 - Trajeto 1 - Gabi.....	62
Figura 6 - Trajeto 2 - Gabi.....	62
Figura 7 - Postagem Facebook	64
Figura 8 - Postagem Facebook	65
Mapa 1 - Distribuição Residencial dos Alunos (que responderam ao questionário).....	26
Mapa 2 - Mapa exclusão/inclusão social - cidade de Presidente Prudente/SP	28
Mapa 3 – Percurso de Lazer dos Jovens Participantes da Pesquisa.	57

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO - BREVE RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA.	9
2. JUVENTUDES PLURAIS E SUAS (DES)CONSTRUÇÕES, NA CIDADE E NA ESCOLA.....	11
3. AS METODOLOGIAS DE ESCUTA DOS SUJEITOS SOCIAIS.....	15
3.1. Questionário	17
3.2. Entrevistas	21
3.3. Netnografia.....	24
4. AS JUVENTUDES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SEUS SABERES, ENTRE A CIDADE E A ESCOLA.	25
4.1. Juventudes e a E.E Fernando Costa.....	25
4.2. Juventudes e a cidade de Presidente Prudente.....	49
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – PROVOCAÇÕES, DESAFIOS E INCONCLUSÕES: UM BALANÇO FINAL DOS RESULTADOS ALCANÇADOS.....	67
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

1. INTRODUÇÃO - BREVE RELATO SOBRE MINHA TRAJETÓRIA E ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA.

Antes de apresentar o corpo da pesquisa, farei uma breve descrição pessoal, para que haja entendimento de quem está pesquisando, minhas posicionalidades e relações com o assunto tema da pesquisa. Estudante de Geografia pela FCT Unesp de Presidente Prudente, desde o ano de 2018, sempre estive vinculada, desde o início da graduação, com o tema e estudo das juventudes, sempre sob orientação do prof. Dr. Nécio Turra Neto, com quem primeiro tive contato com o assunto através do Programa de Iniciação à Docência – PIBID. O assunto chamou atenção por alguns motivos, sendo eles a minha própria experiência pessoal, enquanto jovem natural e residente da cidade de Presidente Prudente.

A dimensão urbana adentrou os interesses com mais força no decorrer da graduação, apesar de nunca ter sido afastada do assunto, com isso, sigo no tema até o presente momento. Em relação à interação com a escola Fernando Costa, essa remonta também ao começo da graduação, uma vez que foi ela quem abriu as portas para o PIBID. Portanto, o contato já existia previamente, em especial, pela presença de professores que lecionam na escola e são parceiros antigos dos trabalhos realizados na FCT Unesp¹, fazendo com que o contato para realização dessa pesquisa não encontrasse grandes empecilhos, além dos trazidos pela pandemia da Covid-19, pois a escola (que, a título de interpretação, será referenciada também como I.E, como é conhecida popularmente na cidade) se mostrou sempre muito solícita e aberta para o trabalho conjunto, razão pela qual direciono meus agradecimentos novamente, antes de iniciar o desenvolvimento do texto, que apresentará os resultados da pesquisa Juventudes e Múltiplas Territorialidades: Diferenças e Desigualdades na Cidade e na Escola².

A escrita terá início com os aspectos teóricos da pesquisa, apresentados no tópico “Juventudes plurais e suas (des)construções, na cidade e na escola”, momento de breve descrição do que fora levantado em termos de teoria, através das leituras realizadas, selecionadas pelo levantamento bibliográfico, com as principais ideias e autores pensados para trabalhar os dados produzidos. Após isso, a descrição dos aspectos metodológicos, com os

¹ Deixo aqui os agradecimentos especiais à professora Regina Penati, que esteve sempre disponível para oferecer suporte para dúvidas, direcionamentos e toda contribuição que fora solicitada.

² (Projeto vinculado ao Projeto Temático – Processo 2018/07701-8; e ao Projeto “Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles” - Chamada MCTIC/CNPq n.28/2018). Aprovado no comitê de ética local sob o número: 41089520.0.0000.5402.

instrumentos utilizados, descrevendo os passos feitos durante o período da pesquisa, bem como os impedimentos que surgiram ao longo do processo, por conta da pandemia.

Em seguida, a pesquisa seguirá com a discussão dos resultados obtidos, que serão destrinchados em dois momentos, o primeiro que irá discorrer sobre as juventudes e a escola E.E Fernando Costa, na interação entre os/as jovens colaboradoras, suas culturas e identidades e sua vivência no espaço escolar, e o segundo, que pretende trazer a cidade para a discussão, entender e discutir as trajetórias dos jovens e suas experiências de cidade, habitando Presidente Prudente. Por fim, a conclusão, que tem a intenção de fazer uma breve junção de tudo que fora trabalhado, atrelando escola, cidade e culturas juvenis, evidenciando o caráter interativo que possuem.

2. JUVENTUDES PLURAIS E SUAS (DES)CONSTRUÇÕES, NA CIDADE E NA ESCOLA.

Para dar início, é interessante que se discorra sobre o trajeto que primeiro norteou os trabalhos da pesquisa, o aporte bibliográfico que deu base para as ideias e interpretação dos dados produzidos ao longo do percurso investigativo. Para tal, alguns autores foram acionados, autores que falam sobre as juventudes, a escola, a perspectiva cultural e de identidade, e isso tudo atrelado à questão espacial, mais especificamente, urbana, contexto em que a pesquisa se situa. Por ter contato com o tema de trabalho das juventudes já previamente, durante a graduação, algumas referências foram relidas, ao passo que outras foram acrescentadas, trazendo maior enriquecimento, principalmente em trabalho feito em conjunto com o grupo de estudos Geojuves – Geografia das Juventudes –, da FCT Unesp de Presidente Prudente que, em reuniões quinzenais, tem sido espaço de debate do tema das juventudes, com a preocupação de trazer sempre o tema para dentro da ciência geográfica. Portanto, considera-se importante trazer aqui algumas das referências selecionadas para a junção das ideias e estruturação da escrita.

Ao falar sobre juventudes, a primeira preocupação é justamente essa, a palavra ser polissêmica, o acréscimo do s ao fim do termo, o olhar para essa fase da vida (seria uma “fase”?) deve, portanto, considerar a diversidade das experiências, as vivências enquanto processos não homogêneos, que variam dentro da tríade gênero, raça e classe, podendo somar outras marcas ainda, como a orientação sexual, e até mesmo a “região geográfica”, como pontuado por Dayrell (2003; 2007), uma das principais referências que serão trabalhadas. Essas características transpassam os corpos dos sujeitos e, conseqüentemente, obrigam-nos a heterogeneizar suas trajetórias.

À luz dessa ideia, Dayrell (2003) oferece aporte para explicação da importância da utilização do termo no plural, deixando claro que não há apenas uma forma de ser jovem (DAYRELL, 2003, p. 24). Entender as juventudes dessa forma significa também compreender que esse momento da vida não possui um marco de início e fim, não se prende à uma rigidez de critérios e que varia de acordo com o contexto histórico e socioespacial dos indivíduos.

Falar de juventudes em sua heterogeneidade não implica necessariamente na impossibilidade de agrupar sujeitos nesse momento da vida como detentores de características em comum, nesse momento, entra em cena a dimensão das culturas juvenis ou dos coletivos juvenis. Os agrupamentos juvenis fazem parte de um processo fundamental para a construção de sujeito. Nesse momento de suas trajetórias, são os núcleos onde experimentações podem ser

feitas, fora do núcleo primeiro de interação social, a família. A respeito da importância dos grupos culturais, em especial, para os jovens de classe mais baixa, Dayrell (2007) discorre sobre como esses grupos impactam a vida social dos jovens, dando a eles

[...] a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública. (DAYRELL, 2007, p. 1110).

É também Dayrell (2007) que traz ao debate outro importante conceito ao se trabalhar com juventudes, o conceito de sociabilidade. A sociabilidade tem um peso enorme quando se trata de juventudes, uma vez que é ela que coloca a interação com o outro como um dos aspectos fundantes para a inserção do jovem a sociedade, bem como sua construção de identidade, que se sabe ser um momento conturbado nessa fase da vida. Ela perpassa todos os espaços que os jovens se encontram, contribuindo para a identidade e a inserção do indivíduo enquanto sujeito social. Outra característica referente a sociabilidade é o fato dela apresentar movimento, tanto no que diz respeito ao espaço-tempo, uma vez que acontece em diferentes espaços e em distintos momentos do cotidiano, quanto a níveis de relação, podendo o indivíduo hierarquizar as relações a partir da proximidade afetiva, que pode ir se alterando durante sua interação com os sujeitos do núcleo que convive (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Como citado acima, a construção da identidade possui uma grandeza relevante nesse período e assim como o próprio conceito de juventude é uma construção social, ou seja, um conceito que transmuta historicamente e geograficamente, o processo de construção de identidade caminha em trajeto semelhante. Se o contexto socioespacial que o indivíduo está inserido presencia uma transformação nas dimensões institucionais, ideológicas, culturais etc., o processo de construção de identidade do sujeito não irá escapar disso, pelo contrário, irá esbarrar com significativa força nos diferentes contextos de interação dos quais o sujeito participa, seja ao longo de sua vida, seja no momento presente, de modo que esse sujeito possui uma identidade múltipla, que vai ganhando contorno específicos conforme vai se situando no diferentes contextos.

Se antes a identidade podia ser homogeneizada, tanto em seu processo de construção como em seu “fim” acabado, hoje, essa situação está posta em xeque, quando a fragmentação se mostra como uma das características do sujeito pós-moderno. Hall (2006) é quem traz a seguinte contribuição:

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam

nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. (HALL, 2006, p. 12)

A pessoa, parte da sociedade pós-moderna, teria, portanto, sua identidade construída em um processo muito mais fracionado, fragmentado, dividido e, conseqüentemente, conturbado, se comparado às gerações anteriores. Nas juventudes, grupo social já conhecido por sua característica de complexidade no quesito identidade, isso afeta de modo agudo, levando em conta a somatória do excesso de informações que recebe um indivíduo nos dias de hoje. É a partir dessa reflexão que adentra também a perspectiva das tradições e seus pesos na formação das identidades.

Para contribuir com a questão acima, Carrano oferece algumas colocações acerca das tradições e maiores campos de possibilidade de escolha de trajetos, ao dizer, sem desconsiderar a força estrutural dos comportamentos e posicionamentos sociais, que a situação atual da identidade seria “muito mais uma escolha do que uma imposição” (CARRANO, 2011, p. 8) a partir de uma diminuição do peso da tradição, em situação de modernidade. Contudo, essa possibilidade de transitar entre identidades, ou até mesmo escolher por si próprio a identidade que deseja abraçar não é uma liberdade que se expande a todos os indivíduos, ou mesmo indefinidamente.

Para isso, contribui Bauman (2005), ao dizer que há uma divisão entre dois polos globais, de um lado estão aqueles livres para fazer suas escolhas identitárias, podendo transitar entre as grandes possibilidades ofertadas pelo mundo da globalização, enquanto do outro lado se encontram aqueles que não só não podem gozar desse direito, como também a identidade para eles se torna opressão, uma vez que são impostas em seus corpos pelo outro, que os afastam do direito de escolha identitária, e assim os enche de estigmatização e os desumanizam. Para estes, a posituação da sua identidade e, ao mesmo tempo, a recusa daquelas ideias que lhes são impostas é um ato político de resistência – é o que leva o empoderamento aos sem poder. A identidade, portanto, é um campo de lutas e participa das disputas no campo cultural da sociedade contemporânea.

Se o peso das tradições e as próprias instituições que antes norteavam o percurso do sujeito já não se encontram mais como antes, talvez em um processo de transformação, isso também terá impacto no momento de transição para a vida adulta, ou seja, os “rituais de passagem” da juventude para a vida adulta estão cada vez menos demarcados, mais confusos (CARRANO, 2011). Para acrescentar a essa ideia, Weller (2014) contribui ao dizer que esses tais “ritos de passagens”, em um processo de ressignificação, podem ter se tornado “ritos de

impasse” (p. 137). Com isso, concebe-se uma noção de que o processo de formação de identidade atualmente ganha uma complexidade muito mais elevada e que, inevitavelmente, isso se manifesta nos espaços onde há juventudes, dando caráter complexo também a esses locais, a exemplo da escola.

O espaço escolar é um espaço de conflitos e tensões, assim como todos os locais que apresentam indivíduos com interesses distintos, que esticam a corda em um jogo de poder de disputas de narrativas. Para compreender a escola, portanto, é necessário olhar para ela como um espaço que não escapa das lógicas que prevalecem fora de seus muros, é um lócus de conflitos, um espaço sociocultural, como posto por Dayrell (1996), ao chamar a atenção para a necessidade de trazer o papel dos sujeitos sociais na análise da escola, entendendo a instituição como espaço cheio das tramas culturais, tudo isso se manifestando em seu dinamismo, em seu cotidiano. Nessa lógica, intensifica ainda mais o interesse em olhar para as culturas que se manifestam nos corpos, comportamentos, expressividades dos jovens estudantes, que transitam naquele ambiente diariamente, mas não só, que já chegam à escola previamente educados, por práticas e saberes que transpassam os muros escolares, conhecimentos aprendidos em seus grupos de pares, esses que transitam pela cidade.

Assim como a escola, a cidade possui seu potencial educador, dizer isso é afirmar que ocorrem na cidade dinâmicas que imprimem saberes, conhecimentos que fazem com que o jovem não seja uma tela em branco a ser preenchida unicamente pelos conhecimentos oferecidos pela instituição escolar, pois há conhecimento circulando nos grupos que esses jovens integram e que, por muitas vezes, se materializam no espaço urbano.

Por isso, olhar para os processos de apropriação e circulação desses jovens se torna uma ferramenta cara para o próprio enriquecimento da prática pedagógica, a exemplo do movimento de *apropriação* de espaços públicos, prática essa que pode ser levada à sala de aula e que Sobarzo (2006), apoiado em Lefebvre, aponta como um movimento de subversão à lógica de *dominação*, termos que não se excluem, mas que se contrastam, e ambos os processos são vividos no cotidiano, salientando novamente a importância de voltar o olhar para esse tempo vivido, o cotidiano, onde o espaço ganha significados e simbologias.

É no cotidiano que se materializam as práticas e processos espaciais, como a fragmentação. Se a identidade dos sujeitos hoje está sendo construída de maneira fragmentada, quando comparada às gerações passadas, passa também pelo processo de fragmentação o espaço urbano, nesse caso, um processo de fragmentação socioespacial, passível de ser captado pela ótica do cotidiano, como se propõe a pesquisa em questão. Apoiando-se em Sposito (2020),

a fragmentação é entendida como conceito polissêmico e multidimensional, que não é sinônimo e tampouco exclui outros fenômenos urbanos como a segregação e autosegregação socioespacial, mas sim os engloba, em um processo contraditório e articulado, essencialmente neoliberal, intensificador das desigualdades no plano urbano a partir de um policentrismo que distancia ainda mais as diferentes classes sociais.

Tão importante quanto o espaço material, emergiu para a pesquisa o espaço virtual que, se já se mostrava promissor para as pesquisas geográficas, a pandemia veio consolidar sua importância. Para pensar a necessidade de voltar o olhar ao espaço virtual na análise das práticas juvenis, Reguillo (2014) contribui ao dizer que as grandes transformações da modernidade se passam nos espaços por ela consagrados, o trabalho, a indústria cultural e, nesse caso, nos grandes meios de comunicação e tecnologia. Portanto, para se compreender as alterações socioculturais atuais, é preciso olhar para esses espaços. A autora também argumenta que o ciberespaço é um espaço privilegiado para entender como se configuram os “mundos juvenis” contemporâneos.

Por fim, os resultados apresentados pela pesquisa serão analisados com base nessas discussões acima colocadas, na tentativa de articular dados produzidos com a teoria estudada, pensando como as experiências juvenis, as trajetórias urbanas, o espaço escolar em seu dinamismo e complexidade se inter cruzam e conversam entre si.

3. AS METODOLOGIAS DE ESCUTA DOS SUJEITOS SOCIAIS.

A pesquisa foi realizada inteiramente à distância, devido a pandemia da Covid-19, de tal maneira que os materiais e métodos tiveram que ser adaptados a esse cenário. Com isso, o contato feito com os jovens e professores que colaboraram com a pesquisa fora completamente virtual. Primeiramente, foi realizada a aplicação de questionário para os alunos do Ensino Médio da escola IE Fernando Costa, para isso o contato prévio com a escola foi crucial. Desse primeiro contato, foi possível a inserção nos grupos de WhatsApp das turmas que seriam o público-alvo do questionário, onde era enviado diariamente o *link* do *Google Forms*, com o pedido de resposta dos alunos. Essa etapa apresentou alguns percalços, evidenciando alguns sintomas que seriam mais explícitos no decorrer da pesquisa, como o baixo engajamento dos alunos nos grupos e o distanciamento em relação à escola, nesse período de educação à distância.

Sobre o questionário, este foi construído em conjunto com o orientador e um colega de iniciação científica. Foi pensando no intuito de receber respostas qualitativas e quantitativas, e de ser o primeiro canal de contato com os jovens, para assim poder alcançar os alunos que de fato gostariam de integrar a pesquisa enquanto participantes, tendo como critério a sua inserção em culturas juvenis presentes na escola IE Fernando Costa.

A partir da aplicação do questionário, cinco jovens demonstraram interesse em colaborar com a outra etapa da pesquisa. Desses cinco, a pesquisa seguiu com quatro, havendo desistência de uma das interessadas. Com o contato estabelecido, a pesquisa caminhou para a etapa das entrevistas individuais, marcadas e realizadas virtualmente, pelo *Google Meet*. O roteiro de entrevista com os/as estudantes foi pensado para ter entendimento da sua relação com a escola, a cidade de Presidente Prudente e a cultura juvenil com que cada um se identificava, aspectos mais cotidianos como relação familiar, trabalho etc. também foram temas abordados.

Feitas as entrevistas com os jovens, começaram as entrevistas com o corpo docente, dois professores da escola pesquisada. Esse segundo roteiro foi construído para entendimento tanto do caminho percorrido pelo profissional até o momento atual de sua carreira, como se dava sua relação com os/as jovens da escola e a escola em si, como e se existiam conflitos, tanto no período anterior a pandemia, quanto atualmente.

Além do questionário e das entrevistas, foram levantados dados referentes à escola IE Fernando Costa, como a quantidade de alunos matriculados no ano de 2021, o rendimento no último IDEB (2019) e os dados mais gerais, como a estrutura física da escol. O primeiro documento foi levantado a partir do contato direto com a direção da escola, e os dois últimos foram a partir da plataforma governamental QEdU, que apresenta online os dados mais recentes da escola. Outra plataforma utilizada foi a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para obter dados relacionados a cidade de Presidente Prudente, com a intenção de um panorama geral sobre a cidade, especialmente quantitativo.

Outra atividade realizada foi a netnografia, no intuito de analisar as redes sociais dos/as jovens colaboradoras. Ao final de cada entrevista era feito o pedido de envio das redes sociais que cada um possuía, momento que os jovens não pareceram demonstrar nenhum incômodo. Com o esclarecimento completo da intenção desse contato via redes sociais para a pesquisa, todos/as os/as jovens aceitaram. A análise foi feita com base nas postagens, nos grupos de relacionamento que elas/es demonstravam participar, em especial, através do Instagram e de postagens no status do WhatsApp. Vale acrescentar também a importância das reuniões quinzenais com o grupo de estudos Geojuves, da FCT Unesp de Presidente Prudente, que trouxe

grande contribuição para realização das entrevistas e da netnografia, através das discussões sobre esses métodos, bem como o debate sobre outros temas caros para a pesquisa em questão. Aqui tomamos como referência tanto Reguillo (2014), com sua contribuição argumentativa sobre a importância dos estudos nas redes, quanto Bernardes (2021), que ofereceu aporte nos aspectos metodológicos da netnografia, ao elaborar um manual com as “caixas de ferramentas” da metodologia em questão.

Os resultados do questionário aplicado, das entrevistas e da netnografia serão discutidos articuladamente, a partir dos levantamentos bibliográficos. A seguir, uma apresentação do corpo de dois dos principais instrumentos utilizados na pesquisa, o questionário e o roteiro de entrevistas com os/as jovens e os/as professores/as.

3.1. Questionário

Como já apontado, o questionário foi o instrumento que possibilitou o primeiro contato com os jovens estudantes da escola IE Fernando Costa, além de acessar os possíveis interessados em colaborar com as próximas etapas da pesquisa. As questões foram pensadas na perspectiva de alcançar noções majoritariamente qualitativas, com respostas abertas e fechadas, estruturado de modo que fosse possível retirar dos respondentes percepções tanto da escola pesquisada, quanto da cidade de Presidente Prudente, a exemplo disso, as perguntas de número 7 e 8, que tiveram como referência e inspiração o trabalho de Nedel e Kaercher (OLIVEIRA; KAERCHER, 2016), em questionário aplicado em uma escola de Porto Alegre. Abaixo as perguntas presentes no corpo do questionário:

1 - Com qual gênero você se identifica?

- Masculino
- Feminino
- Outros
- Prefiro não dizer

2 - Qual sua idade?

- 14 a 16 anos
- 17 a 18 anos
- 19 a 20 anos
- Mais de 20 anos

3 - Em qual ano do ensino médio você se encontra?

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano

4 - Qual turno você estuda?

- Matutino
- Noturno

5 - Em qual bairro você mora? (Pergunta aberta)

6 - Qual sua principal fonte de renda?

- Dinheiro dos pais
- Pequenos bicos
- Emprego regular com carteira assinada
- Emprego informal
- Não tenho nenhuma fonte de renda regular

7 - Complete a frase a seguir: A escola IE Fernando Costa é... (resposta aberta)

8 - Complete a frase a seguir: A cidade de Presidente Prudente é... (resposta aberta)

9 - Você participa de algum coletivo juvenil? (religioso, feminista, negro, Lgbtqi+, de música, teatro, dança, entre outros)

- Sim
- Não

10 - Caso sua resposta acima tenha sido "SIM", de qual coletivo juvenil você participa? (pode marcar mais de uma alternativa). Caso tenha respondido "NÃO" na questão anterior, pule para a questão 14. (marque todas que se aplicam)

- Religioso

- Feminista
- Negro
- LGBTQIA+
- Música
- Dança
- Teatro
- Outros

11 - Se sua resposta acima foi "outros" especifique de qual/ quais coletivo(s) você participa.
(pergunta aberta)

12 - Há quanto tempo você participa desse(es) coletivo(os)? (resposta aberta)

13 - Com que frequência você participa desse(es) coletivo(os)?

- Uma vez por semana
- Mais de uma vez por semana
- Uma vez ao mês
- Duas vezes ao mês
- Outro

14 - Você gostaria de participar de algum(ns) coletivo(os) que ainda não frequenta?

- Sim
- Não

15 - Se sua resposta acima foi "SIM", especifique de qual(is) coletivos gostaria de participar.
Se não, pule para a pergunta a seguir. (resposta aberta)

16 - Você se identifica com alguma destas culturas juvenis?

- Punk
- Heavy Metal
- Hip Hop
- Skate

- E-Girl/ E-Boy
- Otaku
- Trap
- K-pop
- Funk
- Juventude Carismática Católica
- Juventude Evangélica
- Outras
- Nenhuma delas

17 - Se sua resposta na questão acima foi "Outras", especifique abaixo (resposta aberta)

18 - Se você respondeu que se identifica com alguma das culturas juvenis listadas acima, responda à questão: Você frequenta alguma manifestação desses grupos (encontros, reuniões, festas etc.), na cidade? Se sim, fale um pouco sobre ONDE e QUANDO costumavam acontecer essas manifestações. (resposta aberta)

19 - Você que participa de algum coletivo ou se identifica com algumas das culturas juvenis acima listadas, gostaria de colaborar com a próxima fase da pesquisa, ou seja, realizando uma entrevista (por WhatsApp, Facebook, Hangouts ou outra forma de chamada via internet)?

- Sim
- Não

20 - Se sua resposta na pergunta acima foi "SIM", por favor, encaminhe uma mensagem para o WhatsApp (*contato da pesquisadora*), ou um e-mail para o endereço (*e-mail da pesquisadora*), para estabelecermos contato e combinarmos a entrevista. Muito obrigada pela sua participação! Atenciosamente, Laís Neves Lopes. (NOTA AÍ, ANTES DE ENVIAR O QUESTIONÁRIO!)

O questionário teve um alcance de 79 respostas, de um total de 591 alunos matriculados no Ensino Médio da E.E Fernando Costa, o que corresponde a 13,36% do público total da pesquisa. Essa amostragem foi considerada um dos percalços provocados pela pandemia, visto que o alcance foi afetado, porém, mesmo assim, alguns dados produzidos puderam trazer reflexões e discussões, que serão percorridas ao longo do texto, embora a amostra não tenha

sido nem aleatória, nem abrangente o suficiente para permitir generalizações para o conjunto dos jovens e das jovens escolares do IE.

3.2. Entrevistas

Foram dois roteiros de entrevista produzidos, um voltado para os estudantes, e outro para os professores. O roteiro dos/as jovens foi sistematizado para obter o máximo possível dos aspectos cotidianos, familiares e estudantis dos sujeitos, entender a relação deles e delas com a cidade e com as culturas juvenis com as quais se identificam. A entrevista teve enorme importância, em especial, devido ao fato de ser um dos únicos contatos mais próximos com nossos colaboradores e colaboradoras, por conta da conjuntura naquele momento. Segue abaixo o roteiro de entrevista com os jovens participantes:

1. Relate um pouco de sua história de vida até o momento em que conheceu esse (es) coletivo (os) juvenil (is). (onde nasceu? Cresceu? Como foi a infância, onde estudou? Como é a família?)
2. Como conheceu esse (es) coletivo (os)? (como começou a participar/fazer parte do grupo?)
3. Qual a importância de participar deste grupo para você? O que você espera do grupo?
4. O que você aprende com o grupo/no grupo? Qual impacto disso que você aprende na sua vida? (você exerce alguma função específica dentro do grupo?)
5. O que mudou na sua vida depois que começou a participar desse (es) coletivo (os)?
6. Você tem incentivo para participar desse (es) coletivo (os)? Se sim, de quem? (como a família, a escola e os amigos da escola veem o grupo?)
7. Questões sobre pandemia...
8. Como é sua relação com a escola? A escola sabe que você participa desse (es) grupo (os)?
9. O que você aprende na escola tem alguma relação com o que aprende nesse (es) grupo (os)?
10. O que você aprende na escola tem relevância para a sua vida?
11. Na sua escola, os alunos têm espaços para expressar suas ideias e seus desejos?
12. Você gostaria que sua relação com a escola fosse diferente? Se sim, de que maneira?
13. O fato de participar deste grupo juvenil influencia na forma como você se coloca como aluno/a da escola? (nota, comportamento, participação)

14. Se na escola identifica jovens que participam de outros agrupamentos/coletivos juvenis? E como percebe que estes jovens são enquanto estudantes da escola? (nota, comportamento, participação)

Questões mais objetivas:

- Bairro
- Nome do coletivo; local dos encontros; frequência dos encontros (peso do coletivo no cotidiano do jovem)
- Como é a sua mobilidade na cidade? Para acessar os locais de encontro?
- Com quem você circula pela cidade? Sente-se seguro/a?
- Há outros locais para além daqueles que você encontra com seu grupo, dos quais você participa, ou frequenta no seu tempo livre – finais de semana?
- Você se sente seguro/a nestes locais? Seja os do encontro com o grupo, seja os outros locais que frequenta? – Detalhar... (medo e segurança)

O roteiro produzido para a equipe pedagógica e professores/as pretendeu entender, além da trajetória profissional do/a entrevistado/a, as relações estabelecidas com a escola e os jovens estudantes, assim como um suposto embate geracional; perceber como enxergam o ambiente de trabalho e se há alguma leitura das culturas juvenis que atravessam os muros da escola, e se estas interferem de alguma forma nas relações que lá se estabelecem. As perguntas foram as seguintes:

- 1.** Relate sobre sua, trajetória escolar e formação.
- 2.** Como e quando passou a trabalhar nesta escola?
- 3.** Como tem sido a experiência de trabalhar nesta escola?
- 4.** Como você se relaciona com os jovens do Ensino Médio?
- 5.** Como você avalia este público da escola? Como você percebe a relação que os jovens estabelecem com a escola? Com os professores? Com o conhecimento escolar enfim?
- 6.** Você gostaria que essa relação fosse diferente? Se sim, de que maneira?
- 7.** Comparar a época dela como estudante do Ensino Médio com a época atual.
- 8.** Você conhece jovens na escola que participam de coletivos juvenis? Quais coletivos você tem conhecimento? Quais são mais presentes?
- 9.** Estes teriam algo que os diferenciaria dos demais?
- 10.** Você sabe se esses jovens trazem algumas demandas de temas para reflexão para o corpo docente, para outros jovens, para a equipe e direção? Como surgem estas demandas? Como estes temas chegam até a direção e são recebidos?

11. Sobre a diversidade étnica e de gênero: como comparece na escola? Como a escola lida?
12. A escola oferece no seu cotidiano momentos/atividades pedagógicas, em que os estudantes reflitam sobre suas vivências dentro e fora da escola? Se sim, de que maneira?
13. Como têm sido essa relação da escola com os estudantes durante a pandemia e o isolamento social?

Ao todo foram realizadas seis entrevistas, quatro sendo com jovens estudantes e duas com professores da escola. Elas foram transcritas, organizadas em quadros segundo categorização de assuntos e analisadas. Todos/as nossos/as colaboradores e colaboradoras serão tratados/as por nomes fictícios ao longo da escrita, para preservação de identidade. Abaixo apresentamos uma breve descrição de cada um deles/as.

Fernando: Estudante do 2º ano Ensino Médio. Tem 16 anos e é natural de Presidente Prudente. Morou no bairro Maré Mansa até os 11 anos, vivia muito com a avó no bairro Vila Brasil. Aos 11 anos mudou-se para a Vila Líder, mas retornou ao bairro de origem anos depois, onde vive atualmente. É rapper, participa e frequenta batalhas de rima, produtor de suas próprias músicas. Começou ouvindo funk e, influenciado pelos MCs que diziam se inspirar em artistas de rap, passou a ouvir o estilo e se identificar com a cultura Hip Hop. No período da pesquisa, estava empregado.

Gabi: Moradora do bairro Parque dos Pinheiros. Tem 16 anos de idade e está no 2º ano do Ensino Médio. Ela se identifica com a cultura Geek e relatou que parte desse gosto foi por influência familiar, que apresentou a ela o mundo dos HQs e dos heróis. É cosplayer e integrante da comunidade LGBTQIA+, da qual se identifica com o B da sigla. No momento da pesquisa, não tinha nenhuma atividade regular de geração de renda, mas estava no processo de procurar de emprego.

Maria: Estudante do 2º ano do Ensino Médio, 16 anos de idade. Foi moradora do bairro Ana Jacinta, atualmente reside no Residencial Tapajós. Faz parte da comunidade LGBTQIA+ e partilha dos ideais feministas, que considera ter enorme influência em suas visões e posicionamentos. Em suas redes sociais, a cultura E-Girl também se mostrou expressiva. No momento da pesquisa, trabalhava como babá dos sobrinhos.

Estela: Cursa o 1º ano do Ensino Médio, tem 15 anos de idade. Já foi residente dos bairros Km7 e Jardim Cinquentenário. Atualmente, vive no bairro Residencial Cremonezi. Traz o funk consciente como cultura que se identifica e, em suas redes sociais, demonstra ser grande a

influência da religião evangélica. Durante a semana, trabalhava e realizava um curso promovido pela empresa, além dos estudos.

Alexandre: Natural do estado do Paraná, é professor de sociologia e filosofia. Chegou em Presidente Prudente no ano de 2007, para lecionar na escola Arruda Melo, onde ficou por 3 anos como professor, até a escola fechar e os professores e estudantes serem realocados para a escola IE Fernando Costa, onde foi efetivado como professor no ano de 2011.

Paula: Formada como professora no IE Fernando Costa, na época que a escola era espaço de formação para o magistério, paralelo a isso, cursou graduação em Geografia, passou pela secretaria da Educação da cidade, e voltou definitivamente como professora na escola IE no ano de 2016, após encerrar passagem na secretaria da assistência social. Formalmente, antes disso, esteve no IE dos anos 81 a 83, porém, manteve articulação e relação com a escola ao longo de toda sua carreira, através do sindicato e dos trabalhos no âmbito político da cidade.

3.3. Netnografia

A respeito da netnografia, essa teve bastante importância no processo da pesquisa, em especial, para suprir a falta de contato com os participantes que a pandemia acertou com tanta força. Considera-se aqui que a netnografia passou a ser não uma substituição a etnografia, mas um complemento metodológico muito rico, levando em conta que se torna cada dia mais inevitável olhar para o “espaço virtual” e as relações ali estabelecidas, uma vez que “a abundância dos lugares vistos em tela, não presencialmente, pode ocasionar mudanças de valores, até mesmo distorções, para o espaço sensível.” (BERNARDES, 2021, p. 24). Portanto, o espaço virtual, ao ter o poder de influenciar, construir, alterar o mundo real, tem sua importância enquanto espaço de análise.

Para a presente pesquisa, isso não foi diferente, o contato e análise das redes sociais dos/as jovens participantes ofereceu maior noção de seus perfis, assim como questões que escaparam das entrevistas, mas que acabavam por surgir em posts, seus posicionamentos políticos e as próprias interações que se estendiam para fora do virtual. Para tal, foram observados os seguintes aspectos de suas redes sociais:

- Descrição do perfil
- Número de seguidores/seguindo
- Conteúdo das postagens

- Legendas das fotos
- Perfis de pessoas públicas que seguem
- Presença ou ausência de conteúdos diretamente políticos
- Frequência de postagens
- Páginas curtidas

Com base nessas observações e para melhor organização dos perfis dos jovens, foi feita uma tabela com os principais aspectos retirados das suas redes, aspectos esses que serão trazidos também no decorrer da escrita do trabalho.

4. AS JUVENTUDES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SEUS SABERES, ENTRE A CIDADE E A ESCOLA.

4.1. Juventudes e a E.E Fernando Costa

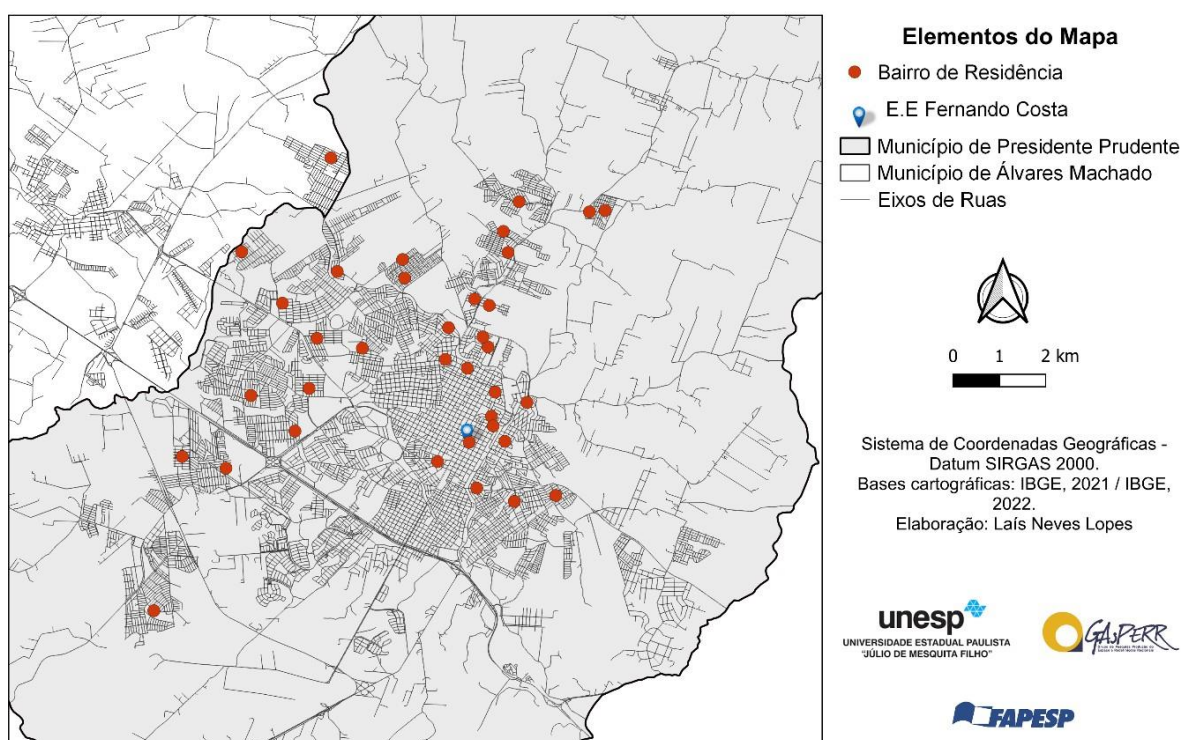
“O IE ninguém atinge. Ninguém consegue entender o IE.” Essa foi uma frase dita por um dos professores entrevistados, que parece, de fato, bem representar o que é essa grande escola central da cidade de Presidente Prudente. Por “grande” aqui entendemos tanto sua estrutura física, quanto seu alcance geográfico e político, uma vez que, historicamente, essa escola passou por mutações diversas, desde iniciado como um centro educacional voltado para a elite, até se tornar uma das escolas públicas prudentinas de maior impacto, por carregar consigo um grande número de estudantes, de diversos pontos da cidade. Quando questionada sobre sua relação com a escola que leciona, a professora Paula coloca como “uma relação de vários tempos”, justamente pela característica dessa instituição em ter abrigado muitas gerações e formações, alunos que tiveram seus pais formados ali, ou indivíduos que ali se formaram na época do magistério e agora experienciam o espaço como professores. Relações distintas, em tempos distintos, no mesmo espaço.

Localizada em uma das principais avenidas da cidade, a avenida Washington Luiz, a escola pesquisada se torna ela mesma um espaço-personagem, quase como O Cortiço de Aluísio Azevedo, que parece criar vida, conforme vão descendo dos ônibus os estudantes e adentrando os seus portões. Essa era a percepção pré pandemia, a qual tive a oportunidade de experienciar, devido a outros projetos e percursos que me levaram até a E.E Fernando Costa, durante a graduação.

Mas, se a escola está no centro, seus estudantes não necessariamente. O questionário ofereceu uma perspectiva dos locais de moradia dos jovens estudantes da escola, algo realmente muito disperso pela cidade toda, em localidades inclusive consideravelmente distantes da escola, em bairros considerados periféricos. Porém, apesar disso, há um certo padrão habitacional no que diz respeito a zonas da cidade, uma grande parcela dos estudantes reside na zona norte, leste e oeste, contrastando com as zonas sul e o centro, zonas essas consideradas pelo Atlas Ambiental Escolar de Presidente Prudente como as áreas com melhores indicadores sociais. Na figura 3 estão as localizações de habitação dos estudantes do IE, enquanto a figura 4 apresenta o mapa de inclusão e exclusão social na cidade, permitindo uma comparação entre ambos. Como forma de complemento, a tabela 1 indica o nome do bairro e o número de respondentes que o citaram, salientando que essa pergunta do questionário recebeu ao todo a resposta de 61 alunos.

MAPA 1 - Distribuição Residencial dos Alunos (que responderam ao questionário).

MAPA DISTRIBUIÇÃO RESIDENCIAL DOS ALUNOS (QUE RESPONDERAM O QUESTIONÁRIO) DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA E.E FERNANDO COSTA - PRESIDENTE PRUDENTE



Fonte: Autoria própria.³

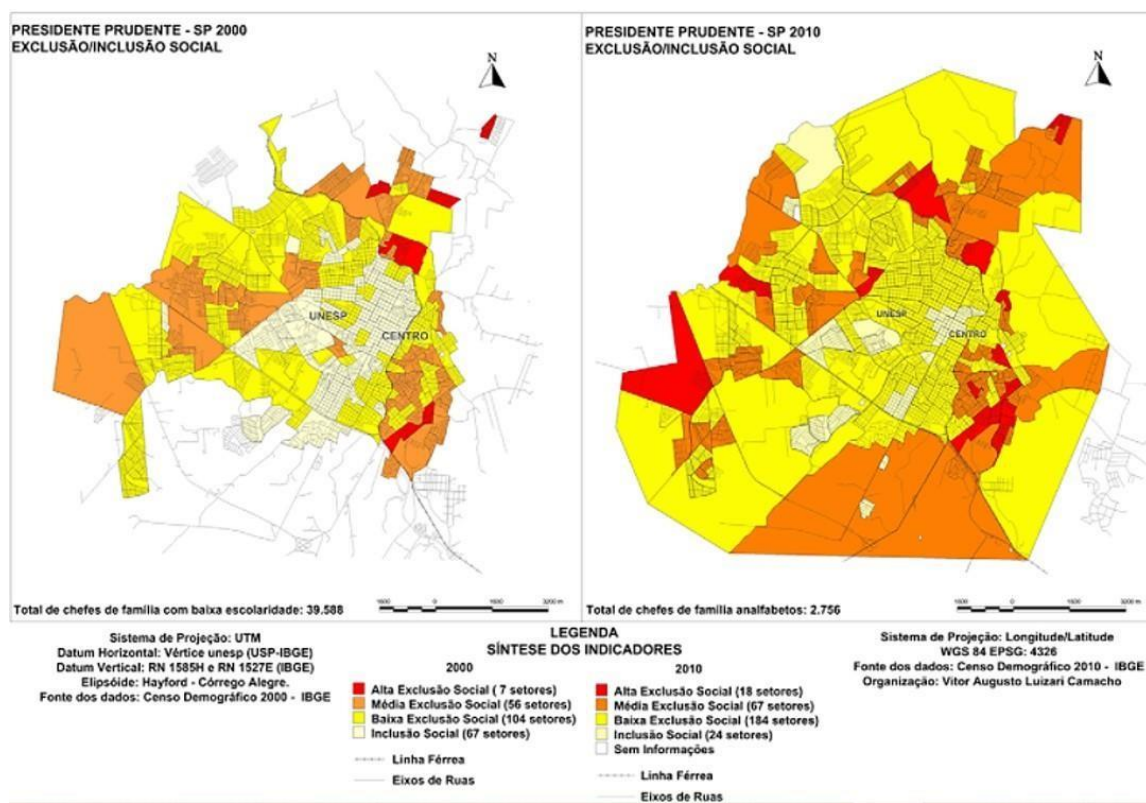
³ Reforço que o mapa em questão representa somente os locais que foram citados pelos respondentes, e não a quantidade de vezes que cada localidade foi respondida, esse dado é representado pela tabela que se segue.

Tabela 1 - Relação entre bairros e números de vezes que foram citados pelos respondentes

BAIRROS CITADOS	NÚMERO DE MORADORES
Conjunto Habitacional João Domingos Netto	14
Vila Marcondes	3
Humberto Salvador	3
São Lucas	2
Jardim Bela Vista	2
Jardim Monte Alto	2
Vila Euclides	2
Parque Primavera	2
Residencial Tapajós	2
Parque Shiraiwa	2
Jardim Aviação	1
Jardim Regina	1
Vila Angélica	1
Maré Mansa	1
Brasil Novo	1
Parque Furquim	1
Centro	1
Castelo Branco	1
Jardim Carandá	1
Jardim Cobral	1
Jardim Santa Clara	1
Residencial Cremonezi	1
Vila Brasil	1
Residencial Francisco Belo Galindo	1
Jardim Itatiaia	1
Parque dos Pinheiros	1
Morada do Sol	1
Cecap	1
Itapura 1	1
Residencial Universitário	1
Ana Jacinta	1
Vila Jesus	1
Vila Lessa	1
Jardim Maracanã	1
Parque São Judas Tadeu	1
Vila Maristela	1
Vale das Parreiras	1

Fonte: Autoria própria.

Mapa 1 - Mapa exclusão/inclusão social - cidade de Presidente Prudente/SP



Fonte: ATLAS AMBIENTAL ESCOLAR DE PRESIDENTE PRUDENTE – SP, BRASIL, 2017.

Com base nos mapas e tabela apresentados, o que se pode perceber é que há um indicador de renda posto no padrão de habitação dos/das estudantes da escola, nesse caso, apesar da quantidade variada de bairros citados pelos respondentes, é possível perceber que existe uma concentração nas zonas norte, leste e oeste que, como mostrado no segundo mapa, são as áreas da cidade que apresentam maior índice de exclusão social, quando comparadas com a zona central e sul, mais valorizadas.

Vale ressaltar que o mapa 2 é do ano de 2010, momento em que ainda não existia o Conjunto Habitacional João Domingos Netto, local mais citado pelos jovens respondentes. No entanto, quando acompanhamos o perfil social predominante nessa área, a construção do conjunto habitacional ofertado pelo Minha Casa Minha Vida (faixa 1) naquela região chega para firmar a zona norte como espaço de concentração da população com menor renda, na cidade.

O centro é uma área economicamente mais diversa na cidade, apresentando variados serviços e formas de habitação, enquanto a zona sul é caracterizada pela dinâmica da autossegregação (sintoma do processo de fragmentação sociespacial), representados pelos

condomínios de luxo, como Parque Residencial Damha e Golden Village, os quais não foram citados por nenhum dos/das respondentes do questionário.

Observar os locais de residência desses/as jovens e atrelar eles ao movimento que fazem para o trabalho, o estudo e o de lazer (o que será falado mais à frente) é perceber que esses sujeitos, ao demandarem o centro da cidade, ou a buscar a sociabilidade em espaços como Shopping Center, Parque do Povo ou mesmo praças localizadas na zona sul da cidade, distante de seus locais de habitação, podem estar rompendo com a lógica de tentativa de afastamento de determinadas classes sociais dos espaços mais valorizados. Isso será mais bem detalhado ao decorrer desta pesquisa.

Já se imagina que uma escola com 1027 alunos matriculados em 2021, segundo o Relatório Total de Alunos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e advindos de diversos bairros da cidade, seja extremamente desafiadora em termos de administração. Essa perspectiva pode ser ainda mais complexa se olharmos, a partir da ideia de Dayrell (1996), a escola como um “espaço sociocultural”. Compreender por essa ótica significa entender a escola enquanto estrutura que recebe sujeitos detentores de trajetos sócio-históricos diversos, que se dão em uma cidade concreta, que possuem, portanto, uma dimensão geográfica que contribui para a produção dos próprios sujeitos, trajetos que não serão abandonados ou largados nos portões da escola, como algo que aquele indivíduo pode retirar de seu corpo e vestir novamente, quando desejar.

Se a escola é vista como um espaço sociocultural, assim também é com a cidade, essa que é “multicultural” (CAVALCANTI, 2013), que abriga diversos grupos, com diferentes desejos, cotidianos, formas de participação, enfim, um espaço plural, e que manifesta essa pluralidade em suas paisagens, que escrevem na urbe a afirmação da existência dos diferentes sujeitos. Nesse ponto, as juventudes adentram como produtos e produtoras desse espaço urbano e das paisagens que nele se manifestam, suas diferentes práticas espaciais, identidades que podem ou não se expressar em seus corpos e participam igualmente da produção do próprio espaço escolar

Como argumenta Cavalcanti (2013), os jovens circulando pela cidade sozinhos ou com seus pares “expressam e marcam, com seus comportamentos e práticas, suas próprias vidas e suas concepções dessa vida.” (p. 80), portanto, são jovens que, ao pisarem no chão da escola, levam consigo sua experiência de cidade, o que contribui para a ideia colocada anteriormente, da escola como espaço sociocultural, produzida em parte pelas juventudes que lhe habitam.

Muitas são as formas de perceber a escola como espaço sociocultural, já que ela está constantemente revelando isso através das tensões e dos conflitos presentes ali, mas, sem dúvida, é impossível perceber tais características sem olhar atentamente ao aspecto cotidiano (DAYRELL, 1996). No cotidiano se manifesta a diversidade, sem um olhar voltado a ela é impossível a prática da inclusão, como argumentou a professora Paula, durante a entrevista: *“Pra incluir você precisa pensar que a escola é diversa”*.

É no cotidiano que a escola Fernando Costa revela seus conflitos de interesse, naturais em um espaço escolar, as tensões culturais e ideológicas, que não se restringem aos estudantes, mas que chegam até a sala dos professores e coordenação. Isso tudo nasce da realidade evidente de que as regras da escola enquanto instituição esbarram, em muitos momentos, nos indivíduos que não participaram da criação de tais normas, ou que possuem outros interesses e desejos que não aqueles que a instituição escolar apresenta como plano a ser seguido. Nesse momento, chega o papel do/a professor/a.

É pela observação do cotidiano, pela proximidade com os alunos, pelo olhar atento ao que e como se conversa em sala de aula, que o professor e a professora podem perceber alguns conflitos, e até mesmo usá-los em sua prática pedagógica. Aquilo que se conversa nos corredores, os comentários que parecem soltos em sala de aula, ou que “fogem” do conteúdo que está sendo ensinado, podem, na verdade, conter uma enorme riqueza de temas educativos, mas que evidentemente também não serão passivos ou isentos de conflitos.

A exemplo da escola Fernando Costa, em entrevista com os alunos e professores, foi possível compreender a importância do educador que traz temas atuais para a sala de aula, temas que tenham a ver com o vivido do/a estudante, o professor que realiza isso acaba por desenvolver uma confiança e maior legitimidade em sala de aula (DAYRELL, 2007). Esse professor aparenta ter um impacto tanto no cotidiano escolar, quanto na própria vida do estudante, isso que pode ser entendido como um reflexo da troca entre professor e aluno, ou seja, o aluno percebe o interesse do professor, e tende a retribuir isso, se interessando de volta pela sua matéria e pela sua pessoa.

Foi possível compreender essa relação durante as entrevistas realizadas com os estudantes, quando uma entrevistada chegou a ir em protestos acompanhada da professora. A aproximação com o professor carrega a potencialidade de causar impactos muito maiores na trajetória de vida desses jovens, em especial, quando eles percebem que a cultura juvenil com as quais se identificam pode adentrar a escola, e isso só pode ser realizado com a colaboração

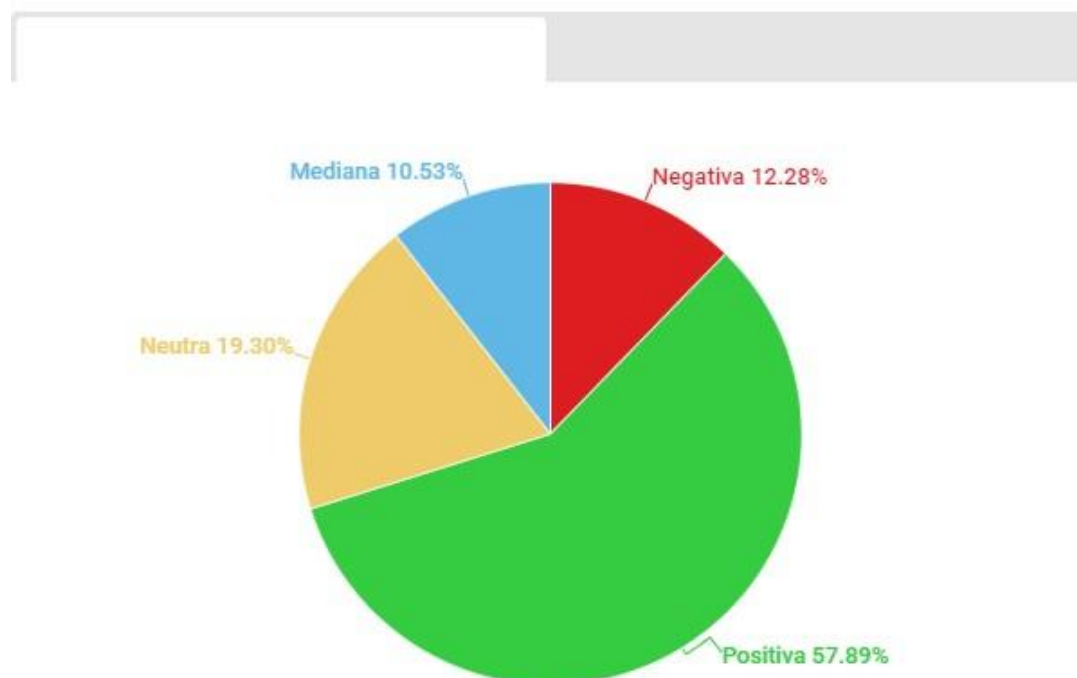
do professor. A professora Paula deu um exemplo do impacto da aproximação professor x aluna na trajetória de uma jovem:

Paula: "uma das alunas do terceiro por exemplo ela foi se identificando com o professor de química, e ela acabou fazendo química, tá na Unesp em química..."

O questionário aplicado aos estudantes do Ensino Médio revelou uma diversidade já imaginada, inclusive no que diz respeito a sua definição e percepção em relação a escola, obtendo respostas com alguns contrastes. Segue abaixo o Gráfico 1, com as respostas dadas pelas/os estudantes no questionário, quando solicitados para que definissem a escola Fernando Costa. O total de respostas obtidas foi 57, classificadas em positivas, negativas, medianas e neutras.

Gráfico 1 - Questionário "A escola IE Fernando Costa é..."

A ESCOLA IE FERNANDO COSTA É...



Fonte: Questionário – Google Forms.

Alguns exemplos de respostas usadas para cada classificação:

Positiva: “boa escola, com bons professores.”

Negativa: “Deficiente de bons métodos de ensino.”

Mediana: “Na média.”

Neutra: “Estadual”

A grande maioria dos/as respondentes deram uma avaliação positiva para a escola, mas houve uma variedade interessante de adjetivações, estudantes com adjetivações completamente opostas. Respostas distintas demonstram percepções diferentes, vivências e experiências do espaço escolar que não são homogêneas, uma vez que a sociedade também não é. A escola reproduz a desigualdade existente dentro da sociedade, de acordo com Corti⁴ (apud Nedel; Kaercher, 2016. p. 326) quando a sociedade evolui em termos de inclusão escolar, porém não altera seu sistema, sua estrutura, o que se percebe no chão da escola é que ela não só não escapa, como também é lócus de novos conflitos. Em uma escola como a E.E Fernando Costa o que se vê são encontros de jovens com espacialidades e sociabilidades das mais variadas, isso atinge em cheio a percepção e experiência escolar desses sujeitos. Dessa forma, entende-se aqui o que vêm sendo dito e trabalhado em grande parte das referências sobre juventude, que é pluralizar essa palavra, trabalhar, portanto, com o conceito de juventudes (DAYRELL, 2003).

Como dito anteriormente, as temáticas educativas oferecidas pelo entendimento desses conflitos podem ser ferramentas de trabalho escolar, mas não só, pode se tornar também uma forma ainda mais efetiva da escola aproveitar de fato seu potencial democrático, sua importância na inserção dos princípios democráticos aos jovens estudantes, mas, do mesmo modo, que ela pode aproveitar essa situação, ela pode também contribuir para que o aluno se veja cada vez menos representado e ouvido dentro daquele espaço, o que é percebido por eles, e pode influenciar na forma como a escola perde a atratividade e passa a ser apenas um local de obrigação, parte de um período específico de suas vidas, apenas uma passagem, com começo e fim.

O não aproveitamento do potencial democrático da escola se deve, provavelmente, a muitos fatores interligados, não tendo um culpado único e específico. O próprio sucateamento

⁴ CORTI, Ana Paula. Uma diversidade de sujeitos: juventude e diversidade no ensino médio. In: **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**. Programa Salto para o Futuro – TVE/Escola/Brasil, São Paulo, ano XIX, Boletim 18, nov./2009

da educação pública, o tempo reduzido do professor em sala de aula, a precarização cada vez mais acentuada do trabalho docente, são muitas as causas que retiram a energia e potencial da escola, somando com certeza o fator da pandemia da Covid-19. Além disso, um dos pontos que também chama a atenção dentro da ótica dos conflitos no ambiente escolar é a concepção das gerações mais velhas em relação à juventude. Bourdieu (2003) contribui para essa discussão, quando trata do conflito geracional, trazendo algumas causas para esse conflito que o autor coloca como algo que pode se tornar um “racismo anti-jovem”, - apesar de discordar do uso do termo “racismo”, nesse contexto, por entender o racismo como o ato de discriminação voltado ao sujeito motivado pela raça, a partir da ideia de superioridade racial (os jovens não são uma raça) considero a descrição da ideia interessante – é uma tensão relacionada, muitas vezes, ao diferente acesso à bens que uma geração teve em comparação a outra, ou seja, uma geração ter, desde o nascimento, acesso à bens que outra geração teve tempo maior para alcançar. Vale salientar que dizer isso não é afirmar que todo sujeito mais velho seja anti-jovem (p. 159), mas que, ao avaliar a geração atual pela sua própria régua, pode acabar por esquecer que as conquistas que teve em seu tempo não estão mais no horizonte de possibilidades de muitos, ou pelo menos estão mais distantes, que os diplomas de hoje já não têm o mesmo peso que antes, nem os empregos e a estabilidade tão disponíveis quanto outrora, para ab. E isto parece ser mais particularmente verdadeiro no momento presente, em que ao lado da pandemia, presenciamos também a desregulamentação das relações de trabalho e o crescimento dos trabalhadores por conta própria.

Apesar de, atualmente, como argumenta Pais em entrevista a Nedel e Lacerda (2017, p. 306) “no confronto intergeracional os jovens de agora fazem parte de uma geração incomparavelmente mais escolarizada, isto apesar de ainda persistirem fortes desigualdades no acesso ao sistema de ensino”, a escolarização e as oportunidades parecerem múltiplas em relação as gerações anteriores, ainda aparenta vigorar a ideia das juventudes como algo que ainda não é, mas que virá a ser, olhar este que não contempla o jovem em seu momento atual, em suas trajetórias do presente (Dayrell, 2003), de tal modo que também pode provocar a desvalorização de suas reivindicações, o que leva, portanto, a desvalorização desse jovem enquanto cidadão inserido em uma sociedade teoricamente democrática. Se o jovem ainda não “é”, mas “virá a ser”, ele precisa estar em constante vigilância, lapidação, tendo que ser “salvo” aquele que é considerado socialmente fora da curva.

Um sujeito que ainda não é, que se encontra inacabado, com pontas a serem fechadas, seria também um indivíduo que não deve participar das escolhas na mesma proporção, ou seja,

como alguém que ainda não possui qualidades e condições suficientes para participar de modo que suas reivindicações tenham peso significativo no processo de tomada de decisões. Levando em conta o que significa a participação para o sistema democrático, essa questão é latente.

Carrano (2012) apresenta dois sentidos de participação possíveis, uma participação mais branda e outra mais acirrada, a primeira seria uma participação que não causará impacto grande em grupos, instituições etc., enquanto a segunda diz respeito a decisões que vão alterar rumos institucionais, sociais, de forma mais assertiva (p. 86). O autor chama a atenção para o cuidado em analisar que, muitas vezes, a participação do jovem na escola está munida de uma falsa sensação de influência nas tomadas de decisões dentro da instituição:

As instituições, notadamente as educativas, estão repletas de iniciativas daquilo que se pode chamar de “participacionismo pedagógico” ou “encenação política” (Magalhães, 2007). São jogos de cena institucional que simulam participações reais e excluem os cidadãos do exercício efetivo da tomada de decisões. (CARRANO, 2012, p. 88)

Existe, porém, segundo Carrano (2012), uma forma de averiguar a qualidade dessa participação, saber se ela é de fato uma participação que permite o impacto verdadeiramente democrático nas decisões, ou apenas um falso chamado à participação que nada irá interferir no ambiente escolar, e isso se dá através da observação de até que momento os sujeitos e coletivos, com suas ideias, podem realmente adentrar e influenciar os aspectos decisivos e maisduros da instituição escolar.

A escola é também um espaço de disputas de narrativas. Isso significa que ela não está alheia as pautas que acontecem além de seus muros, como também significa que temas socialmente considerados duros, provocativos, delicados e ameaçadores para algumas parcelas da sociedade, dificilmente não vão ser recebidos dessa forma pela administração escolar. Segue abaixo parte do diálogo com uma das entrevistadas, falando sobre a abertura da escola frente as reivindicações feitas sobre a pauta LGTQIA+:

Gabi: *Eu acho que assim, eu vou fazer uma zueira né, que tem muita gente em Prudente que zoa, que a cada uma sala do IE, três sapatões lá dentro rs*

Entrevistadora: *É o próprio Vale rs⁵*

Gabi: *É... rs*

Entrevistadora: *Eu tenho uma amiga de curso, a Ma, da minha sala, a gente é colega e ela estudou no IE né, ela já tá terminando a faculdade agora também, e ela sempre comentou*

⁵ A expressão “Vale”, nesse caso, se refere a um ambiente com uma grande quantidade de sujeitos integrantes da comunidade LGBTQIA+, é uma expressão que circula dentro do grupo em questão.

isso... Mas é interessante pensar isso né, porque é, por exemplo, uma escola com o número de pessoas negras muito grande, que tem a semana da Consciência Negra, o mês né, que virou o mês da consciência negra, que é super importante, mas que quando eu estive no IE, os alunos fizeram muitas críticas sobre o mês da consciência negra e a forma como ele levado só como algo sazonal né. E a quantidade de aluno LGBT no IE é muito grande, mas a gente não vê um momento para se falar sobre isso né?

Gabi: *Na verdade, a direção tá fugindo, entendeu rs? Se você falar assim “ah, eu quero”, eles (faz som de fuga) fugiu, nem tá mais lá!*

Entrevistadora: *Então você acha que pra esse tema... por exemplo, se você fosse falar de Geek, eles poderiam aceitar, mas se você fosse levar a pauta LGBT não?*

Gabi: *Porque uma vez, quando eu era um pouquinho mais nova, eu quis levar essa pauta, e a escola foi muito a favor não...*

Entrevistadora: *Como que foi?*

Gabi: *Ah, eu conversei aí a diretora falou assim “ai, isso aí a gente ainda tem que ver, depois a gente conversa com outro fulano”, aí foi jogando pra fulano, foi jogando pra ciclano, quando eu vi não levou pra nada né rs.*

A partir desses conflitos de diferentes interesses, “o processo educativo escolar realoca a cada instante a reprodução do velho e a possibilidade do novo” (DAYRELL, 1996, p. 2). Evidentemente, essas disputas não se restringem só na relação direção x aluno, mas também professor x professor. Essas tensões são parte do cotidiano profissional, onde a disputa de temas a serem discutidos no espaço escolar chega também nos ambientes do corpo docente. Um exemplo disso foi trazido pelo professor entrevistado, quando relatou um acontecimento com um aluno trans:

Alexandre: *Olha, nós já tentamos em diversos momentos trazer essa discussão, inclusive a questão LGBT sempre foi pauta no IE exatamente por isso, nós sabemos que tem um grupo muito grande ali que tenta se encontrar dentro da escola sem ser reprimido. Teve um fato interessante, quando eu tive um estudante que era um homem trans, ele brigava para ser chamado pelo nome masculino, mas a escola insistia no nome feminino. Depois de muito tempo a família regularizou, o sistema trocou o nome dele, mesmo assim eu já tinha feito uma chamada e depois de muita, muita briga eles colocaram na chamada oficial, entre parênteses, o nome dele, mesmo antes de legalizado eu consegui fazer isso, já era uma coisa, porque eu...*

quando eu cheguei na sala, a primeira vez que eu tive contato com ele, ele chegou e gritava assim “meu nome é tal! meu nome é tal! meu nome é tal!”, eu pensei “que que eu tenho a ver com isso? eu sei que o seu nome é o que você tá falando, eu não to perguntando seu nome”. Aí eu comecei a fazer chamada, no que eu chamei o nome dele, ele gritou lá atrás “eu já falei que meu nome é...!”, aí eu falei “vixe... agora eu entendi o que que tá acontecendo aqui.”. Aí eu fui e entre parênteses escrevi o nome dele, fechei, fui lá na secretaria e eles deixaram o nome dele entre parênteses oficialmente. Daí, quando chegou a documentação, aí trocaram o nome. Aí foi uma outra briga, porque a escola... algumas pessoas insistiam em chamá-lo pelo nome...

Entrevistadora: O corpo docente, professor? Ou os alunos?

Alexandre: *Até o corpo docente, o corpo docente... Os alunos se davam melhores com a realidade, já conhecia a pessoa né... agora os professores não, os professores chegavam e insistiam no nome. Foi um debate bastante acirrado em reuniões, onde se mostrava e falava... por parte da gestão algumas pessoas também não aceitavam isso né, mas conseguimos mudar essa visão. Hoje já se discute com maior naturalidade esse público dentro da escola. Agora, para organizar coletivos e espaços somente em questões micros, macro que envolve a escola toda a gente não consegue, hoje não tem abertura para isso, mas para grupos pequenos nós conseguimos. Mas eu consigo fazer isso com maior tranquilidade dentro das aulas, dentro da sala de aula, trazendo grupos pra falar.*

Episódios como este, de forma alguma, diminuem o papel da escola enquanto espaço de potencialidade social, pelo contrário, apenas evidenciam a importância da instituição enquanto motor para discussões e possíveis libertações de amarras sociais, que violentam e oprimem muitos jovens. Se sua importância já era explícita no período pré-pandemia, esse acontecimento veio para firmar ainda mais essa certeza, não só como espaço de sociabilidade e conhecimento para as juventudes, mas enquanto instituição munida de suporte social.

Os professores entrevistados relatam como a pandemia da Covid-19 trouxe demandas muito além do ensino para a escola, a exemplo da fome, e como a necessidade do trabalho foi uma dimensão que adentrou ainda mais a vida desses jovens, interferindo diretamente em seus estudos. Dos entrevistados alcançados pela pesquisa apenas um não trabalha, porém, já estava em processo de entrega de currículo para conseguir um emprego. Quando indagado sobre os impactos da pandemia na escola, o professor comenta:

Alexandre: *No IE. Dois estudantes haitianos, em uma situação de pobreza extrema. No início do ano passado eu tive pais que entraram em contato comigo, que falavam que tava muito difícil, que não conseguia... e nós conseguimos para levantar algumas cestas básicas durante um ano para esses estudantes, aí depois o Estado começou a oferecer também a merenda para esse grupo que deu uma amenizada, mas a gente sabe que uma merenda uma semana e depois ele não sabe quando terá outra é meio complicado, mas é uma realidade que realmente veio à tona, que começou aparecer e a escola de uma certa forma ela tenta ajudar a medida do possível a esses grupos. Agora, os resultados são infinitos né...eu tive estudante que eu tentando entrar em contato para ver se ele ia fazer as atividades que estavam não realizadas, estudante que não estava aparecendo em uma aula ao vivo e eu escutar de falar assim “meu pai morreu, estou trabalhando”, então, tem muita coisinha que a gente não sabe o que aconteceu, só o tempo vai dizer para a gente o que realmente significou essa pandemia, na vida de muitos estudantes.*

A escola e o corpo docente representarem suporte para essas famílias demonstra não só o que fora dito anteriormente, de que os conflitos presentes na cidade transpassam os muros da escola, mas que a escola também tem a força de fazer esse movimento contrário, dela mesma cruzar seus muros. Mas, a pandemia também confirmou a importância do espaço físico, da presença em sala de aula, onde ocorre uma trama de relações e sociabilidades indispensáveis para as juventudes.

Levando em conta que a escola recebe sujeitos em diferentes posicionalidades sociais, com distinções de classe, gênero, raça, orientação sexual etc. um espaço físico de ensino tem um peso maior para esses sujeitos, uma vez que as desigualdades sociais (em especial, na escola pública) tornam aquele espaço abrigador do único momento onde o tempo de muitos desses jovens poderá ser dedicado aos estudos, e não consumido pelo trabalho, remunerado ou não, como o caso das jovens que têm seu tempo devorado pelo trabalho doméstico, fator que vem sendo mostrado por pesquisas realizadas na pandemia⁶, a sobrecarga que esse período depositou no corpo e mente das mulheres. Duas das entrevistadas apontaram em suas falas essa questão do trabalho, tanto o doméstico, como a designação de um serviço de cuidados de crianças, sem antes haver sua consulta.

⁶Ver: SANTOS, Dayse Amâncio dos; SILVA, Laurileide Barbosa da. Relações entre trabalho e gênero na pandemia do Covid-19: o invisível salta aos olhos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n. 1, p.10-34, 2021.

SOF. SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. 2020. Disponível em: <<http://mulheresnapandemia.sof.org.br/>>. Acesso em 26 jan. 2021.

Ao falar de seu cotidiano, uma das entrevistadas descreve da seguinte forma seus horários:

Estela: *Eu acordo, eu limpo a casa, e aí vou fazer minhas lições, aí eu tiro um tempinho pra mim mesmo, aí eu faço as coisas do meu trabalho, pode ser a qualquer hora do dia, e como eu disse, nas terças e nas sextas eu tiro mesmo pro curso, porque tenho curso das 13:30 às 17:30, então é tipo a tarde inteira.*

Salienta-se aqui o peso que tem para a pesquisa o olhar para o cotidiano e suas práticas, nesse caso, a entrevista foi o maior suporte para o acesso a esse âmbito, com perguntas direcionadas ao entendimento do dia a dia desses jovens, já que a pandemia impediu a realização de uma etnografia que possibilitasse a convivência com os trajetos e a vida cotidiana dos sujeitos. Nas palavras de Pais (2017), é pelo cotidiano que é possível se “cartografar o social”, é nele que habitam os símbolos, os causos que vão nortear experiências e visões, por isso, ele deve ser compreendido em seu movimento, dinamismo, se afastando da ideia de que sua monotonia nada produz ou acrescenta ao sujeito, quando na realidade, o cotidiano tem a potencialidade de ser “um campo de resistência e lutas sociais” (PAIS, 2017, p. 8). A exemplo disso, foi na descrição das atividades diárias que fora possível perceber questões de gênero e, certamente, de classe, pulsantes na vida de uma das jovens participantes, que relata como o trabalho entrou em sua vida em detrimento dos estudos, em especial, no período pandêmico. Ela relata a seguinte experiência:

Entrevistadora: *E como fica o estudo nesse momento? Você tem tempo pra estudar?*

Maria: *Não, não tenho, eu vou ser bem sincera... eu não tenho. Mas tipo, eu tenho o final de semana, mas no final de semana eu quero lazer, então, eu procrastino o dia inteiro. Mas agora eu to tentando me organizar e to estudando pro ENEM.*

Entrevistadora: *Entendi. Esse seu trabalho de cuidar dos teus sobrinhos começou na pandemia ou já era antes?*

Maria: *Eu antes trabalhava na... tipo, minha irmã tem uma empresa, uma empresa de empréstimos, eu trabalhava lá. Aí, a minha sobrinha nasceu e não tinha ninguém pra cuidar dela. Tipo assim, ninguém me perguntou nada, no outro dia eu já tava lá.*

Entrevistadora: *Entendi, te colocaram lá então?*

Maria: *Uhum.*

Entrevistadora: *E como que era assim quando você trabalhava nessa empresa da sua irmã? Você ia pra escola e no período da tarde você trabalhava pra ela?*

Maria: *Tipo, foi bem no comecinho da pandemia, foi quando as aulas pararam entendeu? Aí eu trabalhava até as 16:00 da tarde, chegava em casa, fazia as lições da escola...*

Entrevistadora: *Você trabalhava até as 16:00 na empresa da sua irmã?*

Maria: *Sim, e agora eu trabalho o dia inteiro (risos).*

A perspectiva do cuidado esteve sempre, principalmente no mundo ocidental, atrelada às mulheres, o que confere a esse grupo um sentido não só material de casa, mas também simbólico, como posto nas palavras de Massey (2009, p. 180) imagem feminina associada a estabilidade, a confiança, a ideia de “home”⁷. A simbologia imposta às mulheres através da associação de seus corpos com a casa, o cuidado, o “lar”, faz com determinadas tarefas sejam destinadas a elas sem qualquer consulta ou desejo, por atribuir uma suposta naturalidade à situação, que na verdade é uma estruturada construção social, assim como socioespacial, uma vez que essa estrutura não varia apenas no tempo, mas também no espaço, e é intrínseca ao controle espacial, ou nas palavras de Massey:

Em termos gerais, o que está claro é que o controle espacial, seja através do poder da convenção ou simbolismo, ou através do simples ameaça de violência, pode ser um elemento fundamental na constituição de gênero em suas formas (altamente variadas). (MASSEY, 2009, p. 180 – tradução própria⁸)

Ao falar de gênero, torna-se cada vez mais necessário construir uma argumentação pelo prisma da interseccionalidade. Assim como a pluralização do termo juventudes, é preciso pluralizar a concepção do gênero feminino, olhando para a situação das mulheres através da multiplicidade de marcadores sociais que vão recair sobre o indivíduo e, conseqüentemente, definir o que cada uma acessa ou não, o que a elas é permitido ou negado, as diferentes violências a elas direcionadas e, logicamente, as variadas espacialidades por elas construídas. Marcadores como raça, classe e orientação sexual não podem ser esquecidos nas análises científicas e acadêmicas, tampouco e principalmente na prática política cotidiana, que é de fato a gênese do termo “interseccionalidade”, cunhado pelas feministas negras no século XX que,

⁷ Tradução própria. “lar”.

⁸ Tradução própria. In general terms what is clear is that spatial control, whether enforced through the power of convention or symbolism, or through the straightforward threat of violence, can be a fundamental element in the constitution of gender in its (highly varied) forms.

movidas pela insuficiência das teorias e práxis do feminismo branco (BILGE, S; COLLINS, P. H., 2020), apontaram um novo conceito e prática de se fazer entender que há distintas maneiras e níveis de opressão sobre as mulheres, questões que não podem ser homogeneizadas e universalizadas.

Ainda sobre a dimensão do trabalho, há algumas contrastantes formas de pensá-lo em relação às juventudes. Seria o trabalho uma forma de oferecer às juventudes mais autonomia para que vivam a experiência jovem, mediada pelo consumo, com maior independência? Ou seria o trabalho uma oposição ao que é ser jovem, por consumir seu tempo e tirar do sujeito o tempo ocioso, algo considerado valioso para a vivência da juventude?

Segundo Sposito (1993, p. 164), a inserção do jovem no mercado do trabalho nem sempre advém da situação financeira da família, mas pode partir do próprio desejo de maior independência, liberdade de consumo e autonomia, ou até mesmo pela pressão familiar, que acha necessário a ocupação do tempo ocioso do jovem. Esse caminho do emprego, ou mesmo de pequenos bicos com o objetivo de conseguir dinheiro é, muitas vezes, fundamental para que o/a jovem possa experimentar a juventude, podendo ter condições de sair com o/as amigas e ter suas práticas socioespaciais vividas.

Aqui o consumo aparenta ter um peso grande, em especial, atualmente, onde a completa intensificação das redes sociais provocou um aumento significativo de propaganda e produtos, assim como aumentou a facilidade na própria compra. Vale ressaltar que muitas das culturas juvenis tem o consumo, ou a “ostentação”, como parte característica dessa identidade. Durante a observação feita nas redes sociais dos pesquisados, o consumo surgiu, principalmente, no jovem parte da cultura Hip-Hop, acessórios de marcas como Nike e Lacoste eram colocados como protagonistas nas fotos.

Cada cultura juvenil aparenta ter um nicho específico, mas todos eles expressam, a partir do corpo principalmente, seu estilo, passam uma mensagem. Cada cultura juvenil identifica esses jovens a partir daquilo que eles vestem, de como performam, de como trabalham sua identidade. Abramo (1994) oferece sua contribuição para a discussão acerca do estilo e do que ele representa para as juventudes. A autora enfatiza que o estilo é advindo de uma série de desejos e necessidades do/as jovens, desejos esses aguçados pelas tantas informações recebidas dos muitos meios de comunicação, em uma sociedade em que a imagem e o consumo são caminhos de formação de identidade, através do corpo. Abramo discorre sobre essas necessidades:

[...] necessidade de construir uma identidade em meio à intensa complexidade e fragmentação do meio urbano, e que se reflete no peso sinalizador e na velocidade das

modas; a necessidade de equacionar os desejos estimulados pelos crescentes apelos de consumo e as possibilidades de realizá-los; a necessidade de situar-se frente à enxurrada de informações veiculadas pelos meios de comunicação; a necessidade de encontrar espaços de vivências e diversão num meio urbano modernizado mas ainda pobre de opções e segregacionista (ABRAMO, 1994, p. 82)

A rede social foi uma ferramenta interessante para essa análise, por ter sido um canal expressivo para perceber as ideias que esses jovens compartilham, e também poder me aproximar da dimensão física e visual dos sujeitos pesquisados área da pesquisa também afetada pela pandemia.

Pelas redes sociais, foi possível perceber as diferenças culturais de cada participante, e como o uso das plataformas digitais varia muito de um para outro, a partir daquilo que consomem. Nas Figuras 1 e 2, estão as tabelas de organização com os dados netnográficos mais gerais:

Figura 1 - Perfil netnográfico dos/as colaboradores/as

PERFIL DOS ENTREVISTADOS	
MARIA	FERNANDO
Bio Facebook: "tell me baby, why do you seem so blue? any pronouns 🏳️" Páginas Curtidas no Facebook: Tempero Drag; União das Mulheres do Underground Brasil; CAFI Coletivo Anarco Feminista Insubmissas; Movimento de Mulheres Camponesas - MMC; Possíveis Personagens Assexuais; Ventre Feminista; Receitas Vegetarianas. Perfil e conteúdos (Facebook): Nome fictício de perfil; Se apresenta como compartilhadora de conteúdo, mais do que criadora; conteúdos em grande parte relacionados a militância feminista, descontentamento com a relação familiar, sexualidade e oposição ao governo Bolsonaro. Bio Instagram: " ele/dele 🏳️ " Seguidores: 564 Seguindo: 1.720 Perfil e conteúdos (Instagram): Perfil com nome fictício; fotos de si mesma com roupas no estilo E-Girl Status Whatsapp: Repost de vídeos do Tiktok sobre saúde mental e dificuldades na relação familiar; Fandom de séries de anime; questões de sexualidade.	Bio Facebook: "L" Páginas Curtidas no Facebook: Fundão Futebol Clube; Amigos do Parque Imperial e Maré Mansa; Periferia Socialista; Página das pessoas que as tias olham torto na rua; Associação Prudentina de Skate Perfil e conteúdos (Facebook): Perfil com nome artístico; Compartilhamentos de conteúdos de MCs e Rappers nacionais e internacionais; Futebol; Big Brother Brasil Bio Instagram: "Artista de rua"/ Link do clipe de seu último lançamento musical Seguidores: 1.243 Seguindo: 3.437 Perfil e conteúdos (Instagram): Postagens de roupas, acessórios etc, de marcas como Lacoste, Nike; Uso para o engajamento de seu trabalho artístico; Posicionamento contra governo Bolsonaro; Postagens de outros rappers, em especial, Tupac; Divulgação das batalhas de rima que participa; Fotos sempre acima de 100 curtidas; Presença das pistas de skate da cidade

Org.: a autora, 2022.

Figura 2 - Perfil netnográfico dos/as colaboradores/as



Org.: a autora, 2022.

Para Fernando, parte da cultura Hip-Hop, historicamente marcada pela criticidade, as redes sociais serviam como forma de denúncia contra o atual governo - na época o governo de Jair Messias Bolsonaro -, como espaço para compartilhar suas rimas, sua paixão pelo skate, seu consumo de artistas internacionais e, principalmente, como um veículo de suma importância para a divulgação de seu trabalho musical.

Nas redes sociais de Gabi, integrante da cultura geek, chamou atenção sua performatividade, seus cosplays, as músicas de estilos variados e, às vezes, contrastantes. Suas roupas, muito relacionadas ao universo geek, também chamam atenção. Maria demonstrou um intenso uso das redes sociais, em especial, do status do WhatsApp e do TikTok. Os conteúdos

eram bem específicos também, muitos vídeos relacionados a conflitos familiares, sexualidade, saúde mental e relacionamentos amorosos, coincidindo com assuntos trazidos por ela, durante a entrevista.

Estela, por sua vez, trouxe nas redes sociais algo que não surgiu em nenhum momento durante a entrevista, que foi o lado religioso. Em seu status, a presença de vídeos de jovens evangélicos, de músicas cristãs, teve muito destaque, tal qual os conteúdos de humor voltados a essa juventude, todas as postagens em suas redes apresentavam algum tipo de referência religiosa.

As redes sociais possuem a capacidade de apresentar ao indivíduo a possibilidade de encontrar sujeitos com vivências similares às suas, criando redes de sociabilidade e suscitando assuntos que, por muitos momentos, escapam do meio escolar, o que não significa que não permeiam os corredores da escola.

Na pesquisa, o meio virtual aparentou ser um espaço onde os colaboradores, em especial Maria, pode usar para desabafos pessoais, questões que são profundas, desde as relações familiares até sua questão de gênero e sexualidade. A exemplo disso, a latente temática da saúde mental, trazida por ela durante a entrevista. Maria, curiosamente, se autodescrevia como alguém mais reservado no ambiente escolar, mas que nas redes sociais era de longe a mais ativa das participantes, sempre compartilhando conteúdos relacionados a questões mentais e temas considerados tabus, como a sexualidade. Em sua entrevista, ela fala de seu anseio para que a escola tratasse mais sobre saúde mental, relatando um triste caso que ocorreu com uma das alunas e qual havia sido a reação da escola:

Maria: *É! Isso. E o dezembro amarelo também (setembro), porque ninguém liga, só liga no dezembro amarelo, mas o mês inteiro tá lá fazendo bullying com o coleguinha*

Entrevistadora: *Entendi... Então você acha que essas duas questões deveriam ter mais representatividade. Você consegue pensar em outra coisa que você gostaria que tivesse representatividade?*

Maria: *Olha, o mês do autismo também, acho que não é o mês, acho que é o dia. Autismo, é... síndrome de down... tem geralmente os dias, eu acho que devia ter mais representatividade, porque as pessoas elas tratam pessoas autistas com uma diferença extrema, como se eles fossem pessoas de outro mundo, só que eles não são...*

Entrevistadora: *Então você acha que essa questão da saúde mental é uma coisa que a escola devia abraçar mais né...*

Maria: *Se importar mais, e não só em dezembro, setembro né? Elas deveriam tipo se importar, mas ninguém liga tipo cara, ninguém se importa entendeu? Tanto que tipo, recentemente, acho que foi assim que eu entrei no (...), uma menina se matou lá. Não dentro do (...), mas tipo, fora do (...), ela se matou e tipo... ela fazia tratamento pra depressão e tals, mas mesmo assim. Cadê? Cadê? Ninguém fez nada...*

Foi na análise das redes sociais também que o posicionamento político, em especial de dois dos entrevistados, se expressou fortemente. Foram os jovens Maria e Fernando, integrantes de culturas juvenis mais explicitamente políticas, nesse caso, Hip Hop e o feminismo, que estavam constantemente realizando postagens politicamente críticas, com assuntos por vezes intocáveis no espaço escolar, a exemplo da legalização do aborto.

Sobre a interação das culturas juvenis com o espaço escolar, foi perceptível uma influência mútua entre ambas. Alguns dos entrevistados, apesar de responderem que não enxergavam qualquer ligação dos conteúdos escolares com suas culturas, demonstraram em momentos das entrevistas que até mesmo a proximidade com determinadas matérias é reflexo dos seus interesses baseados naquilo que consomem fora do espaço escolar, ou que suas condutas provocativas em sala de aula são advindas de críticas aprendidas nas “ideologias” que seguem, assim como o afastamento de algumas culturas também passou pela influência escolar. Estela, que deixou de consumir um tipo de funk, para consumir o funk consciente, apesar de dizer que não via interação entre o funk consciente e o que se aprende na escola, relatou que o processo de tomada de consciência, que a fez passar a consumir outro tipo de funk, aconteceu em parte na escola. Ela pontua:

Entrevistadora: *Você falou que você gosta do funk consciente né? Por que que você acha que você curte mais esse e não os outros funks? você chegou a ouvir os outros durante um tempo, ou você sempre gostou mais do funk consciente?*

Estela: *eu, na verdade, no começo eu escutava mais o outro tipo, porém, eu vi que era muito pesado às vezes, falava sobre coisas pesadas, não era para mim, então eu gostei mais do consciente mesmo...*

Entrevistadora: *Interessante você ter falado isso, porque eu queria saber como foi essa tomada de consciência. Como você falou “puts, isso aqui eu não gosto de ouvir”. Teve alguma influência da escola? De coisas que você aprendeu, que te fizeram pensar?*

Estela: *então, foi coisas que família me orientou, escola, amigos, essas coisas, tipo assim, aquilo lá não era legal, porque as vezes as próprias músicas influenciavam o crime, como uso de drogas e pornografia.*

Pode-se discutir aqui o peso das instituições nas escolhas e seguimentos que as juventudes de hoje dão aos seus percursos e trajetórias de vida. De fato, quando comparado às gerações anteriores, esse peso é muito menor, se há décadas a família e as demais instituições sociais eram determinantes no presente e no futuro dos jovens e daquilo que eles consumiam, hoje, isso se alterou. Houve um enfraquecimento no poder de decisão dessas instituições, uma vez que elas próprias se modificaram, o que não significa que essa influência seja nula. Carrano discorre sobre:

Hoje, estes possuem um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdam e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais. (CARRANO, 2012, p. 85).

É presente também, nessa diferença e conflito geracionais, a mudança de valor que cada geração coloca em determinados títulos, conquistas, essas que estão sempre relacionadas ao quão restrito ou aberto é o acesso das classes mais marginalizadas, afinal, como dito por Bourdieu (2003), “pelo fato de um título valer sempre o que os seus portadores valem” (p. 157), o que leva a pensar o que causou na geração atual o maior acesso a formação básica e superior, quando comparada a geração anterior. O valor dado aos títulos e conquistas parece ter se alterado, acompanhando o movimento de possibilidade de acesso a essas conquistas.

Por outro lado, os jovens estão, cada dia mais, experimentando poder escolher entre uma variedade de opções maiores do que as gerações anteriores podiam, o que rebate na dimensão identitária. Segundo Bauman (2005, p. 35) “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, captura-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”, o que não significa que a questão da identidade não apresente seu caráter ambíguo, o que Bauman também ressalta, uma vez que, ao mesmo tempo que a identidade permite o sentimento de segurança, por outro lado, se fixar em um ponto apenas, ser inflexível, não tem boa representação nos dias presentes, na experiência atual do “mundo líquido”. Nesse sentido, para gerações anteriores, havia um trabalho sobre si próprio para ‘costurar-se’ às instituições e aos valores dominantes da sociedade, enquanto para a geração atual, os processos de individuação em curso, remetem a um trabalho sobre si mesmo que leva a busca da sua individualidade, o que pode significar e tem significado em muitos casos, um questionamento das instituições e dos valores sociais hegemônicos.

São diversos espaços, principalmente online, em que os jovens podem optar "escolher" o que consumir, quando consumir, e com quem consumir. Ao mesmo tempo, aparenta que essa suposta liberdade de escolha com uma gama muito maior de opções está em conflito com tramas

maiores como exemplo da alta taxa de desemprego, do aumento do preço dos bens de consumo, da falta de perspectiva em relação a formação futura, pelos cortes e sucateamento da educação pública, agora, com o adicional da pandemia. Portanto, cabe aqui a questão: essa sensação que as juventudes experienciam de maior liberdade, de poder optar por um leque de alternativas diversas ao mesmo tempo, adentra o espaço escolar de que forma? Se os jovens, em sua vida cotidiana, estão vivendo a experiência de poder transitar entre diferentes espaços e gostos, quando eles se deparam com a maior rigidez do sistema escolar, isso pode acabar contrastando ainda mais com a vida que eles estão levando fora da escola.

Assim como a escola, a família também pode ser trazida como uma dessas instituições tensionadas nessa fase da vida. O núcleo familiar, o primeiro no qual o sujeito é inserido socialmente, possui um peso norteador, seja para seguir os caminhos e tradições traçadas pela família, seja o contrário, o rompimento com alguns valores, ideologias, modos de vida de seu primeiro grupo social. Tal conflito não só existe, como é uma característica importante para a própria fase da juventude, uma vez que o rompimento com uma bolha em específico é parte fundamental para a construção da identidade do sujeito, tanto na dimensão subjetiva, quanto social, como explicitado por Abramo (1997), ao versar sobre o processo de “independência e diferenciação com relação à família de origem”.

daí recorrem todas as atividades e atitudes que ganham relevância nesse período: a necessidade de circulação e experimentação e importância dos grupos de pares como meio de realizar as descobertas, de estruturar as novas atitudes e elaborar a nova identidade, que se constituem meios fundamentais para uma vivência tipicamente juvenil (Bucher, 1986). Daí também decorrem os conflitos com a família e com outras instituições encarregadas da socialização dos adolescentes, a partir dos contrastes entre as orientações, apelos e referências distintos e às vezes opostos. (ABRAMO, 1997, p. 13)

Durante as entrevistas foi possível perceber um pouco desse conflito. Uma das participantes colocou, quando questionada sobre sua relação com a família, as tensões que afetam essa dimensão de sua vida, tensões que estão diretamente ligadas ao fato de a jovem partilhar de ideias feministas, o que provoca um distanciamento de posicionamentos e opiniões com integrantes de sua família. Lembra-se aqui que a participante em questão não possui com o núcleo familiar apenas as relações parentais, complexas por si só, mas também uma relação trabalhista, por ser empregada por eles, situação que acrescenta ainda mais profundidade às relações.

Maria: *Sim, tipo, no começo, na questão do feminismo foi difícil, porque tipo, até hoje minha mãe sabe que eu sou feminista, eu falo mesmo, eu chego e falo “cara, o que tu tá fazendo tá errado e tals”, mas acho que tipo, outras pessoas da família não aceitam bem, porque acham que tipo... elas não entendem, elas não entendem e elas não procuram pesquisar sobre, então a gente geralmente esconde isso, esconde tipo, não fala sobre, e eu me dou aquela segurada quando é pra questionar algo.*

Ainda sobre sua relação com os membros familiares, ela comenta:

Maria: *É... Tipo, com a minha mãe é de boa né, porque tipo, ela sabe que eu sou militante (risos). e então, qualquer coisa eu arrumo barraco. Então, ela nem fala mais quando é pra ela falar alguma coisa... esses dias a gente tava no carro, e ela disse “ah, mas mulher é estuprada porque quer”. Eu olhei bem pra cara dela assim sabe, com meu olhar mortal, e eu falei “como assim? Que que cê tá falando?” aí eu fui da casa da minha irmã até em casa brigando com ela.*

Tratando ainda sobre o aspecto das tradições, das trajetórias e dos processos de identificação com alguma cultura, o questionário apresentou um dado expressivo, relacionado a quantidade de indivíduos que participam e que se identificam com as culturas religiosas, que pode provocar uma reflexão acerca do assunto. Quando questionados sobre quais coletivos juvenis eles participavam, a resposta que mais se destacou foi o religioso, com 12 respostas (Gráfico 2), número também expressivo na questão sobre qual cultura juvenil eles se identificavam, somando ao todo 16 respostas (Gráfico 3), na junção da Juventude Carismática Católica e Juventude Evangélica. Nesse caso, a religião é entendida como uma instituição, tal como a família e a própria escola, se pensarmos os grupos juvenis religiosos enquanto espaços de fortalecimento da doutrina da instituição do mundo adulto, a sociabilidade desses jovens carrega consigo a dimensão da tradição.

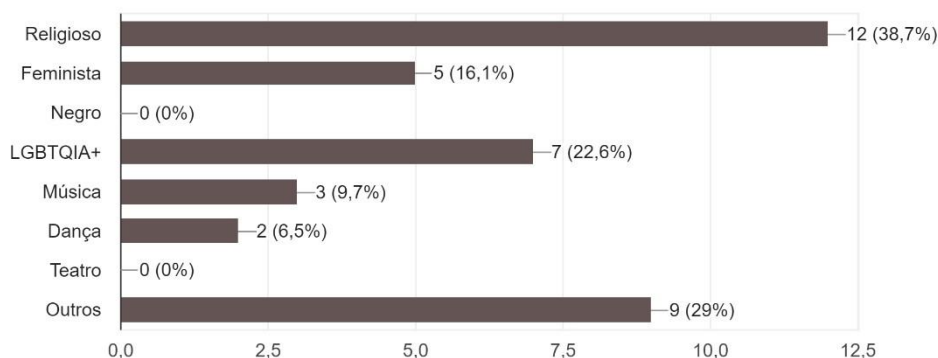
Outra questão diz respeito ao número de jovens que responderam não se identificar com nenhuma das culturas expostas no questionário, um total de 25 estudantes (Gráfico 3) que nos levanta questionamentos acerca das sociabilidades que estabelecem, em quais espaços etemplos, se são preenchidos com outros jovens que se identificam com alguma outra cultura, ouse já estão inseridos em maior parte no mundo do trabalho, partilhando com mais força o mundoadulto, enfim, provocações que, junto da significativa questão religiosa, mereceriam por si só

uma única pesquisa e que, portanto, no presente trabalho surge como algo a ser investigado futuramente, em sua devida e merecida profundidade.

Seguem abaixo os gráficos com as respostas relacionadas a participação e identificação dos jovens com culturas e grupos juvenis.

Gráfico 2 – Participação em coletivos juvenis

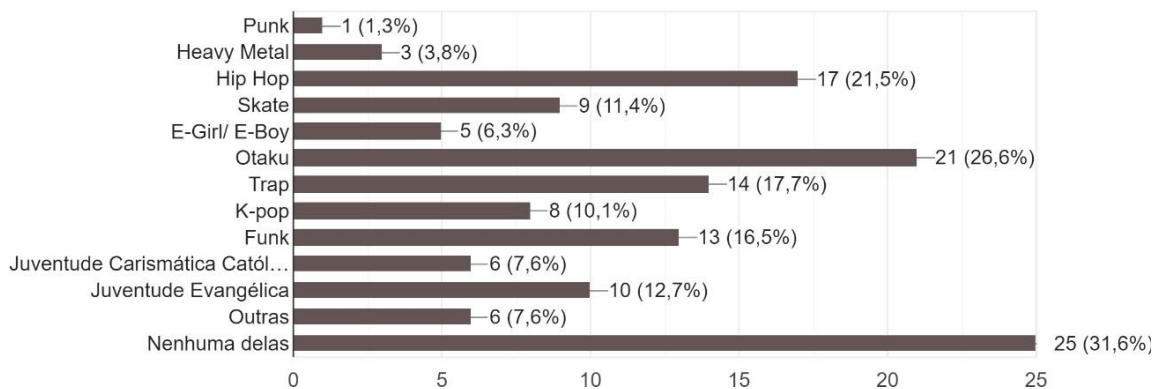
10 - Caso sua resposta acima tenha sido "SIM", de qual coletivo juvenil você participa? (pode marcar mais de uma alternativa). Caso tenha respo...NÃO" na questão anterior, pule para a questão 14.
31 respostas



Fonte: Questionário – Google Forms.

Gráfico 3 – Identificação dos jovens com culturas juvenis

16 - Você se identifica com alguma destas culturas juvenis?
79 respostas

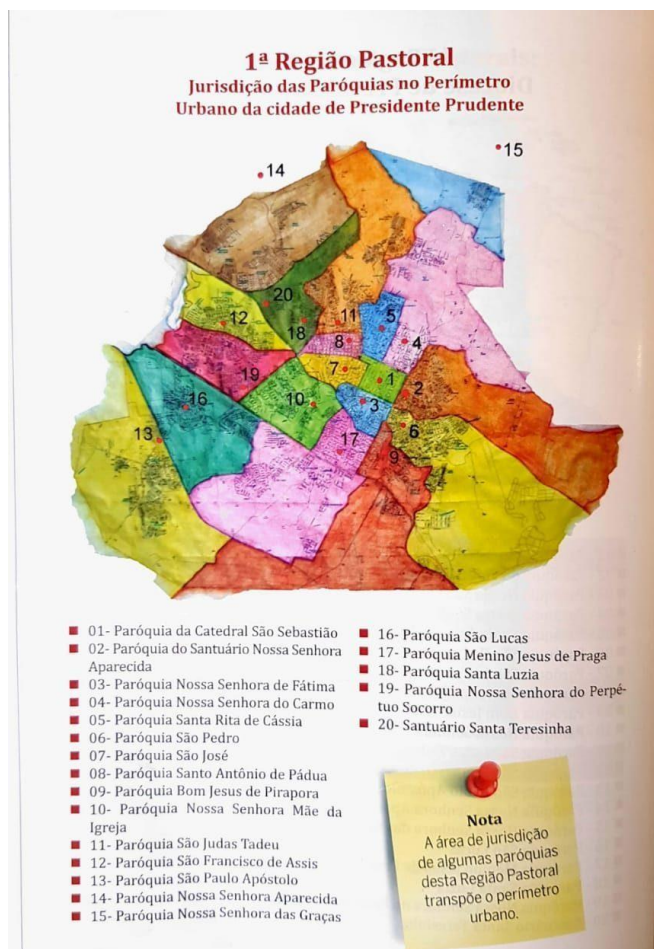


Fonte: Questionário – Google Forms.

4.2. Juventudes e a cidade de Presidente Prudente

A cultura religiosa aparenta ter, na cidade, uma maior força de organização enquanto coletivos de fato. Isso revela um caráter da cidade que se materializa no espaço de modo muito assertivo, que é a forte presença das igrejas, tanto católicas, quanto evangélicas. Segundo o site da Diocese de Presidente Prudente, “Com 59 anos de instalação da Diocese, a cidade de Prudente conta atualmente com 19 paróquias, dois santuários, uma catedral e um seminário instalados.” No último censo realizado pelo IBGE, em 2010, a cidade possuía 207.610 habitantes, desse total mais de 130 mil pessoas se declararam professantes da fé católica, e mais de 55 mil evangélicos, o que representa 62,6% de católicos e 26,4% de evangélicos, portanto, uma grande maioria cristã. A seguir, uma imagem da distribuição espacial das igrejas católicas, na cidade, e a abrangência delas no perímetro urbano.

Figura 3 - Jurisdição das paróquias no perímetro urbano da cidade de Presidente Prudente - SP



Fonte: Jurisdição das paróquias no ano de 2010 (Polienteia / Reprodução) - <http://www.diocesepresidenteprudente.com.br/noticias/102-anos-de-presidente-prudente-a-chegada-do-catolicismo/>

Não há aqui a pretensão de explicar esse fenômeno como um todo, revelando, na verdade, um dado que necessitaria de uma outra única pesquisa voltada só para a análise dessa questão, como comentado previamente. Portanto, a partir dessa situação, emergem mais perguntas do que respostas. Seria essa característica da cidade de Presidente Prudente uma força para que as juventudes aqui repitam a tradição, mais do que quebrem com esse percurso? A própria idade interfere nisto, pela maior parte não possui maior idade ainda e estar mais suscetíveis e restritos às imposições familiares? Ou que amalgamas estão se fazendo na cidade? Existe algum conflito dessas juventudes religiosas com as juventudes que experienciam outras culturas? Esses conflitos se materializam no espaço urbano?

Todas essas indagações que permanecem em aberto nos remetem a pensar o impacto do campo religioso não só nas sociabilidades juvenis, mas em toda construção de percepção de espaço e identidade que criam, a partir da profissão de fé que expressam, atribuindo ao espaço

de encontro uma outra característica, a do sagrado, que daria sentido não só à fase de juventude do sujeito, mas à vida como um todo, à existência humana.

Vale destacar que coletivos religiosos não necessariamente excluem outros coletivos, ou outras culturas, podendo um jovem se identificar como religioso, e partilhar também da cultura Hip Hop, por exemplo, principalmente, levando em conta o cenário atual onde a lógica fragmentária parece acertar também a subjetividade, provocando nos sujeitos a possibilidade de vestir, performar, transitar entre diversas culturas, de modo não excludente. Tal característica é comentada por Pais (2017), ao falar que as juventudes atuais partilham valores, ideias, estilos por vezes antagônicos, uma vez que aparentemente vivem um momento histórico onde há uma fluidez expressiva no meio sociocultural, que provoca, por vezes, uma ambivalência que atinge esses corpos, agora muito mais voltados para o “bem-estar individual” (PAIS, 2017, p. 305).

É nesse sentido que as religiões cristãs, em especial, a evangélica, criou igrejas e grupos importantes para essa análise, em um movimento de “juvenelização da religião”, termo usado por Fernandes (2011, p. 9), a exemplo da Bola de Neve Church⁹, igreja neopentecostal criada por um surfista e que Dantas (2009) aborda como “mais uma novidade no mercado neopentecostal”, novidade essa que nasce fazendo profundo uso dos grupos e culturas juvenis.

A autora trata de como a igreja usa do estilo dos jovens para promover-se enquanto instituição diferenciada, da junção de grupos que performam culturas diferentes, do uso da linguagem despojada para aproximar-se dos fiéis, e da enorme importância do meio virtual para propaganda da instituição. Contudo, apesar das características que separariam essa igreja das demais, a autora argumenta que os sermões realizados acabam tomando, em sua essência, a mesma forma das tradicionais, com uma “natureza moralista e conservadora” (p. 13), a exemplo do conservadorismo sexual. No site oficial da igreja, chama atenção a seguinte frase “Nossa missão é plantar o maior número de igrejas no menor tempo possível, gerando homens e mulheres conforme imagem e semelhança de Cristo”, demonstrando que a “missão” da igreja parece passar diretamente pela ocupação espacial, territorial, de maneira rápida e abundante, como estratégia de incorporar e manter novos fiéis.

Fernandes (2011) usa também o termo “hibridismos culturais”, que aqui pode ser exemplificado nessa mistura de culturas juvenis com aspectos religiosos, momento em que o chamado secular adentra os muros dos templos, e vice-versa. Todavia, o mesmo autor também chama atenção para um ponto importante no cenário brasileiro, nem sempre o aumento da

⁹ Igreja neopentecostal fundada em 1999, pelo pastor Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, expandiu pelo país atraindo diversos jovens pelo uso uma linguagem jovem e apoiada nos estilos culturais de diferentes juventudes. Disponível em: <https://www.boladeneve.com/quem-somos>

presença das juventudes em “novas” ou antigas igrejas, bem como na ressignificação de algumas religiões, soam como sinônimo de contraposição ao conservadorismo religioso:

Notamos que mesmo diante do cenário de “juvenelização da religião” e “hibridismos culturais”, é possível percebermos o crescimento de movimentos religiosos conservadores/tradicionais como as Igrejas Pentecostais, tendo como exemplo a presença secular no Brasil da Igreja Assembléia de Deus. (FERNANDES, 2011, p. 9)

Resgatando o argumento de Pais (2017) trazido acima, apesar de em alguns momentos os valores partilhados pelas juventudes se apresentarem enquanto antagônicos e ambivalentes, há também a possibilidade de eles construírem suas identidades de modo complementar, onde em determinadas situações uma cultura ou um conjunto de ideias irá emergir mais do que outro. Segue abaixo um trecho da entrevista com Gabi, quando questionada sobre a cultura geek interferir em seus posicionamentos em sala de aula:

Gabi: *Eu acho que tipo... Tem gente que acha que se você lê quadrinhos, você não sabe nada, mas os quadrinhos ensina muita... tipo física... Porque nada dentro do quadrinho é fisicamente impossível, tudo tem um cálculo por trás e você tem que saber isso aí. E também porque os quadrinhos mostram muita diversidade... mas assim, o geek em si eu acho que não influencia tanto, mas já o fato da comunidade LGBT que eu participo, aí influencia um pouquinho mais...*

Entrevistadora: *Ah entendi... então você percebe que você participar da comunidade LGBT te dá uma conduta na sala de aula da escola que seja diferente?*

Gabi: *Sim...*

Nesse caso, é a experiência enquanto integrante da comunidade LGBTQIA+ que ela considera oferecer maior impacto em suas colocações enquanto estudante, e não tanto a cultura geek. Através do discurso da jovem, uma das hipóteses que podem ser pensadas para explicar a razão de sua orientação sexual possuir maior força em suas experiências em ambiente escolar se apresenta na perspectiva da violência. A seguir, ela conta um fato relacionado a homofobia, durante sua trajetória na escola:

Entrevistadora: *entendi... como, por exemplo? você tem alguma coisa que você pode exemplificar... você tem alguma coisa que te incomoda, uma coisa que você gostaria que fosse mais falada?*

Gabi: Ah, uma coisa que me incomoda é que uma vez rolou uma fofoca na escola...porque eu saí do armário muito cedo, então óbvio que eu tive muitos olhares tortos no início, porque poucas pessoas têm coragem de sair do armário assim de repente

Entrevistadora: Com quantos anos que foi?

Gabi: eu saí do armário com 12 anos, eu saí bem cedo... aí eu fui né, eu saí do armário e óbvio que começou a rodar as famosas fofocas, e falaram para a direção que eu tinha pego uma menina dentro do banheiro. A direção fez questão de chamar a minha mãe para falar sobre isso, chamou a mãe da menina, a mãe da menina era homofóbica, falou um monte...

Entrevistadora: A tua mãe já sabia que você era?

Gabi: A minha mãe já tá bem ciente... E falaram pra direção, eu achei uma conduta muito errada, porque tipo, sempre tem alguém se pegando lá na escola, é adolescente, tá na puberdade e tals... só que os casais héteros não são chamados pela direção, já uma relação ali... (uma relação homoafetiva).

Apesar da cultura geek ser também, historicamente, alvo de preconceitos, não é comparável à intensidade da violência que afeta o corpo de um sujeito parte da comunidade LGBTQIA+, portanto, o impacto que isso tem nas percepções, sentidos e ideias do jovem é diretamente proporcional à essa violência sofrida, o que dificilmente não irá moldar também a experiência de escola e sala de aula que o indivíduo terá, o que vai atingi-lo com mais força, o que vai provocar mais reações ou isenções, o que irá inibir ou revoltar.

Gabi se reconhece na cultura geek e na orientação bissexual, construindo sua identidade dentro dessas culturas, o que não significa necessariamente que ela seja conduzida a constituir agrupamentos que sejam reconhecidos no espaço público da cidade, porém, demonstrou durante a entrevista que a cultura geek oferece a ela a possibilidade de construir amizades, muito expressivas no meio virtual, através de um aplicativo específico, chamado Amino, uma plataforma voltada para o encontro de pessoas integrantes de fandoms¹⁰, que formam comunidades diversas, e constroem sociabilidade dentro do meio online, trazendo a importância do “ciberespaço” para os estudos das práticas juvenis.

Aqui pode ser posta a importância do espaço físico, material, para e na experiência de juventude. A grande oferta de espaço religioso para a vivência e sociabilidade na cidade é muito maior do que a oferta desses mesmos espaços para outras culturas, outros coletivos, que

¹⁰ Grupo de pessoas que se colocam como fãs de determinado produto cultural, e se reúnem em comunidades unidas pelo gosto comum.

precisam então travar um processo de ocupação dos espaços públicos que, mesmo sendo públicos, são direcionados à determinadas classes, gêneros e raças. Por isso a necessidade de voltar a análise para a materialidade x imaterialidade das práticas juvenis, duas situações inseparáveis, em que uma contribui para a compreensão da outra, nas palavras de Turra Neto:

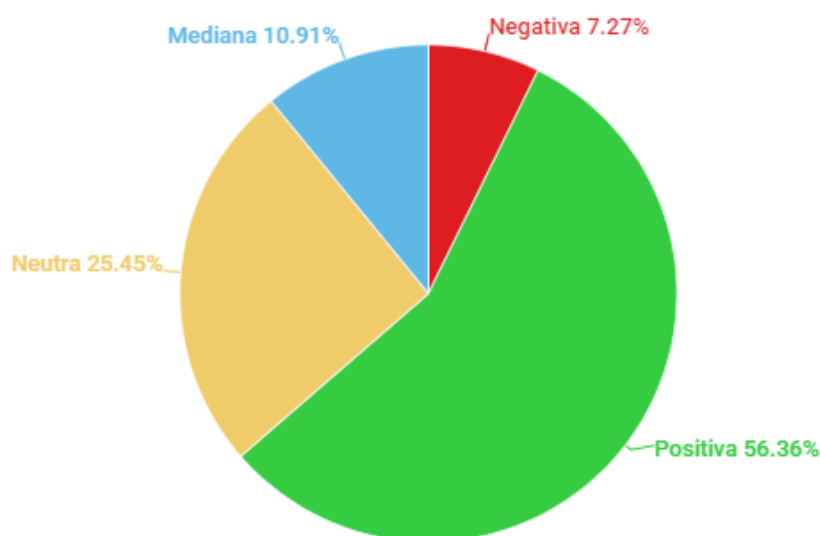
mas colocada aqui em outros termos: a necessidade de estudarmos, de forma indissociável, a relação entre a materialidade do espaço e a imaterialidade das interações entre os diferentes sujeitos que o habitam, o praticam, o negociam. E é nesse sentido que, ao focarmos nossa preocupação no campo da cultura e da ação social, não podemos perder de vista o espaço em que esta prática acontece, não apenas para pensarmos em sua espacialização, mas para pensarmos (dialeticamente) que o onde acontece não é sem importância para a forma do acontecer, num movimento de mútua fundamentação. (TURRA NETO, 2013, p. 10)

Seria a maior oferta de espaços físicos religiosos na cidade também uma das razões que podem explicar a expressiva quantidade de jovens integrantes desses grupos? Distante da pretensão de apresentar, na presente pesquisa, uma conclusão para esse questionamento, afirma-se aqui que olhar para o espaço urbano, em suas expressões materiais e simbólicas, é fundamental para acessar o entendimento das juventudes da cidade, e as relações que estabelecem com o espaço urbano, assim como o contrário, o estudo das juventudes como instrumento de compreensão da dinâmica da cidade, em sua materialidade e movimento.

Para que a pesquisa pudesse alcançar uma noção de como as juventudes enxergam a cidade de Presidente Prudente, foi feita no questionário uma pergunta para que os estudantes adjetivassem a cidade, do mesmo modo que fizeram com a escola Fernando Costa. A seguir, o gráfico das definições dadas pelas/os estudantes, classificados em positivas, negativas, medianas e neutras, sendo o total de 59 respostas:

Gráfico 4 - Questionário "A cidade de Presidente Prudente é..."

A CIDADE DE PRESIDENTE PRUDENTE É...



Fonte: Autoria própria.

Algumas respostas tomadas como exemplo para cada classificação:

Positiva: “Uma cidade legal que eu gosto de viver.”

Negativa: “Tóxica.”

Mediana: “Regular.”

Neutra: “Minha cidade natal.”

As respostas demonstram, em grande parte, satisfação dos jovens com a cidade, ao passo que as poucas respostas de descontentamento se relacionaram com a falta de oportunidade de emprego ou a cidade ser “entediante”, aparentando falta de atratividade. Nesse quesito, as entrevistas puderam oferecer maior completude para a compreensão da relação dos jovens com a cidade de Presidente Prudente, discorreremos a seguir sobre quais localidades surgiram, e como surgiram, nas falas dos sujeitos pesquisados.

Três foram os espaços mais citados pelos (jovens participantes durante os diálogos, sendo eles o Parque do Povo, a Batalha do Vale e o Prudenshopping, localizados na mesma área da cidade, formando uma área central, mais ou mesmo permanente e com centralidade cambiante (SPOSITO, 2001) – altamente fortalecida aos finais de semana à noite. Essas localidades surgiram também na análise netnográfica, a exemplo de um dos integrantes da pesquisa que, através das redes sociais, marcava os “rolês” do final de semana, perguntando em seu status quem “colaria” no “parkão”, bem como postava fotos com os amigos de dentro do PrudenShopping, principalmente aos finais de semana. Como posto por Gabi durante a entrevista, quando questionada sobre os espaços que frequenta na cidade, ela apontou a ausência de variedades de locais para frequentar:

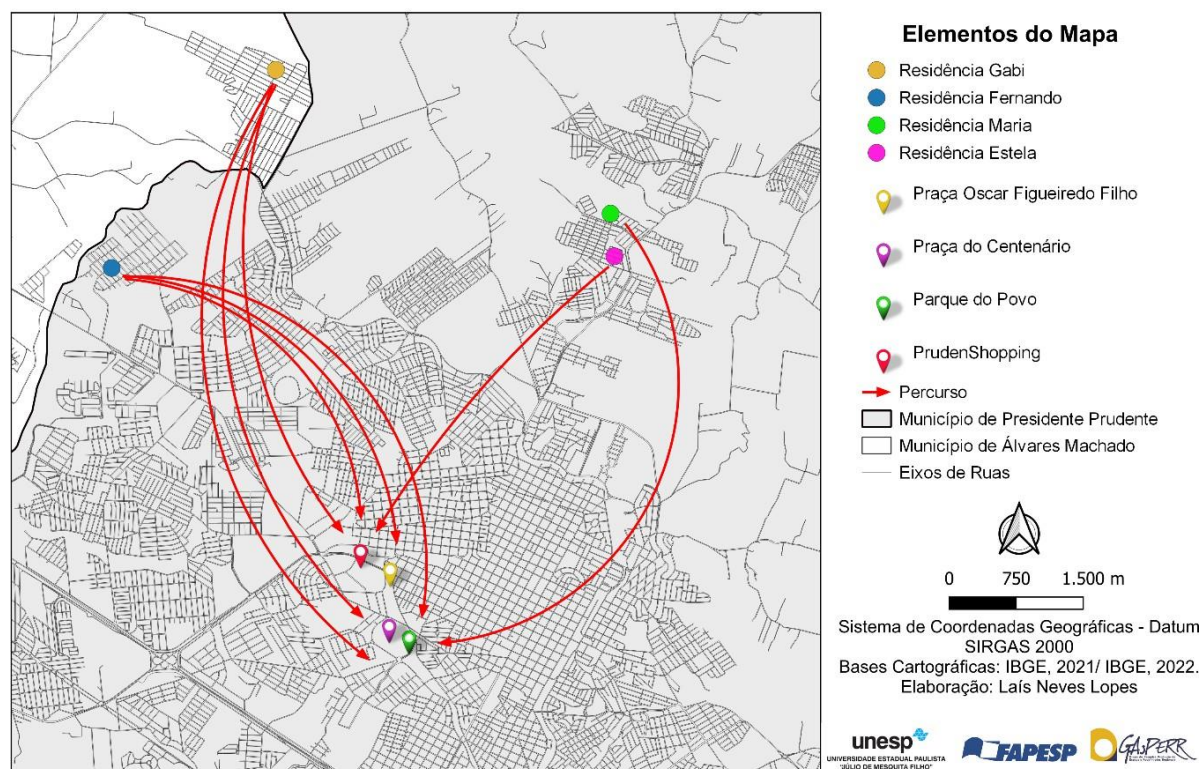
Gabi: *ah, eu acho que é o mesmo espaço que todos os jovens de Presidente Prudente frequentam né rsrs, que é o Parque do Povo e o [Pruden]shopping, que não tem muito onde ir...*

Esse eixo é de extrema importância na análise das territorialidades e experiências juvenis na cidade de Presidente Prudente. Em pesquisa realizada entre 2013 e 2014, Barreto Netto (2015) dissertou sobre a dimensão desses locais na sociabilidade juvenil, em especial, do Parque do Povo e do PrudenShopping. Postos como “espaço luminoso para o lazer noturno prudentino, sobretudo para os jovens habitantes das periferias pobres de Presidente Prudente.” (BARRETO NETTO, 2015, p. 03), esse eixo continua se apresentando na fala dos jovens colaboradores da pesquisa, agora, com o adicional da Batalha do Vale, coletivo cultural juvenil parte do movimento cultural Hip-Hop, que teve início em 2015 e, atualmente, ocorre na Praça Oscar Figueiredo Filho, ou a chamada Praça do Vale, ao lado do PrudenShopping e do Parque do Povo.

Segue abaixo um mapa dos pontos mais citados pelos jovens colaboradores e seus percursos de lazer a partir da residência de cada um:

Mapa 2 – Percurso de Lazer dos Jovens Participantes da Pesquisa.

MAPA PERCURSO DE LAZER DOS JOVENS PARTICIPANTES DA PESQUISA



Fonte: Autoria própria.

A partir de Magnani (1992), Barreto Netto define essa área como “mancha de lazer”, pois é uma área que concentra serviços variados, nesse caso, o lazer é a principal característica, o que lhe confere forte centralidade no tempo livre dos jovens da cidade. O Parque do Povo é de suma importância para compreender as juventudes da cidade de Presidente Prudente, o que não é de hoje, mas remonta de décadas anteriores, quando essa área já era palco de encontros, sociabilidades, trajetos e transgressões. É um espaço da cidade completamente vivo, que se altera durante o dia e a noite, abrigando corpos, tipos de consumo, classes sociais distintas, e que precisa ser geograficamente analisado em interação com outros locais de seu entorno, como o próprio PrudenShopping.

A Batalha do Vale, por sua vez, representa um coletivo juvenil de forte impacto nos últimos anos na cidade, não atoa surgiu nas falas dos jovens durante as entrevistas, assim como no questionário. A ocupação da Praça do Vale - como ficou popularmente conhecida pelos jovens da cultura do Hip Hop - ofereceu às juventudes marginalizadas da cidade um espaço de lazer localizado em uma área que não fora pensada para esses jovens em questão, no seu processo de planejamento, assim como todo o entorno do Parque do Povo que é uma das mais

valorizadas parcelas do perímetro urbano de Presidente Prudente (BARRETO NETTO, 2015, p. 19).

Entre os muitos aspectos que podem ser tratados sobre a Batalha do Vale, o processo de apropriação é, sem dúvida, uma característica fundante para entender a potência daquele local, uma vez que carrega a dimensão política em si, nessa contraposição de público e privado, centro e periferia, em uma cidade que tem a característica de afastamento das camadas menos abastadas do centro da cidade e, conseqüentemente, dos jovens mais pobres afastados das “manchas de lazer”.

Com base nisso, a pesquisa foi provocativa ao apresentar esse movimento dos jovens, principalmente no que diz respeito ao tratar do processo de fragmentação socioespacial. Tal processo, muito mais contundente e antigo nas cidades metropolitanas, passou a ser uma realidade também nas cidades médias, como Presidente Prudente, em especial após anos 2000, expressando-se pela “combinação entre um tipo mais complexo de segregação e novas expressões de centralidade” e que se relaciona diretamente com novas práticas espaciais e de consumo (DAL POZZO, 2015, p. 289), promovendo multicentralidades antes inexistentes, e desencontros cada vez mais atenuados entre sujeitos de classes e realidades opostas.

Contudo, o que se mostrou na pesquisa foi a presença das juventudes periféricas em uma área central e historicamente valorizada e não pensada para elas, dado que traz a hipótese de que esses jovens, em sua busca de lazer, parecem se apresentar como resistência à lógica da fragmentação socioespacial, e assim o fazem através do importante ato de apropriação espacial, alterando também as formas de consumo daquele espaço que, até o presente momento, é ainda um perímetro valorizado dentro da malha urbana da cidade.

É pelo processo de apropriação do espaço público que esses jovens podem subverter a dinâmica urbana de afastamento de seus corpos e culturas de determinados espaços, daí a importância dos coletivos juvenis, pois os jovens, ao se juntarem em grupos maiores, com interesses comuns e vivências similares, acumulam um peso crucial para que um movimento como o da apropriação seja efetivado, já que falar de apropriação do espaço é também dizer sobre sociabilidade e relações interpessoais, assim como é dizer sobre a escala do corpo, como argumenta Sobarzo:

mas também significa uma relação interescalar porque, embora falemos que a apropriação é realizada na escala do corpo, na verdade, o usuário, a partir do seu corpo, “conquista” uma outra escala representada no espaço público do bairro, do centro da cidade ou num daqueles “pedaços” de cidade definidos pelas suas trajetórias. (SOBARZO, 2006, p. 105)

A partir disso, os sujeitos acabam por selecionar os espaços em que se sentem anfitriões e os que são visitantes, onde a sensação de pertencimento vigora, a partir dessa lógica de apropriação e de construção de redes de sociabilidades. Claramente, esses processos de apropriação não são realizados sem tensões, no caso da Batalha do Vale, por exemplo, isso pode ser visto através de um dos instrumentos do Estado, a polícia. Com trabalho realizado em torno da Batalha, o pesquisador Bruno Salvi (2023) escreveu sobre os episódios de represália policial, sofridos pelo coletivo, que já chegou a abordar sessenta jovens em uma só noite, revistando-os após circundar a praça com suas viaturas. Após esse episódio, relata Salvi, que o esvaziamento das batalhas foi expressivo pelo medo de mais represálias, mas que com a continuidade resistente do coletivo conseguiram recuperar seu público e estabelecer uma relação em que os policiais passaram a “reconhecer a reunião de jovens como uma atividade cultural e demonstraram um pouco mais de respeito” (p. 87). Fernando, quando perguntado sobre a repressão policial, responde:

Entrevistadora: *Como que você enxerga a violência ou repressão policial? Existia isso na Batalha?*

Fernando: *Sim, sim, existia... É pelo fato do preconceito né, do rap né, os policiais vão lá pá e “nossa bando de vagabundo fazendo rima ali, pá...” tá ligado?*

Entrevistadora: *Você acha que envolve a questão do racismo também?*

Fernando: *Sim...*

A lógica de ocupação da Batalha do Vale tem seu diferencial artístico, a ocupação de um espaço luminoso por jovens de uma cultura marginalizada como o Hip Hop tem um impacto político muito forte. Apoiando-se em Sposito (1993), esse pode ser considerado um caso em que o grupo juvenil age contra a lógica de enfraquecimento dos espaços comuns, do afastamento da classe mais pobres do centro da cidade, se apropriando de um espaço urbano e indo contra o movimento de esfacelamento dos espaços artísticos de uso geral, como cinema e teatro (SPOSITO, 1993, p. 172), se fazendo presente e ressignificando uma área central que não foi pensada, em sua construção, para tais práticas espaciais, tampouco para a presença desses sujeitos.

Isso demonstra uma força de rompimento de barreiras territoriais, rompimento este que, dentro das cidades, por vezes se apresentam em conflito de classes, situação que pode ser percebida através tanto de dimensões simbólicas, quanto materiais, a exemplo do medo da rua sentido pelas classes mais ricas, que se materializa cada vez mais na autossegregação, como

trazido por Caldeira (2000), nos “enclaves fortificados”, síndrome de um temor ao que é público, ao que se direciona à mais de um grupo, isso alteraria a lógica do espaço público, e a própria participação cidadã na cidade (p. 211).

Nessa perspectiva de segurança, chama atenção a importância dos agrupamentos no que diz respeito à sensação de medo ou ausência dele nos jovens participantes, quando tratando de mobilidade urbana. Percebe-se, através das entrevistas, que o trajeto na cidade, quando feito em bando, oferece aos jovens um sentimento de proteção maior, principalmente no caso das meninas, que habitam corpos atravessados por perigos muito mais referentes a escala do corpo em si, o medo da violação física. Estela traz essa questão em sua fala:

Estela: *Normalmente é quando, tipo assim, eu saía com meus amigos e eu ainda não tinha encontrado eles no lugar, por exemplo tipo fora do shopping, a gente marcava de se encontrar em tal lugar aí todo mundo ia pra lá, e às vezes quando eu ficava sozinha eu não me sentia segura de estar ali sozinha, porque eu não sabia o que poderia acontecer comigo.*

Entrevistadora: *Então quando você encontrava seus amigos esse medo passava?*

Estela: *Isso.*

Maria retrata em sua fala o medo de circular pela cidade, com a consciência de que esses medos são diretamente atrelados ao seu gênero:

Maria: *Aah, tipo, nunca aconteceu de eu ser roubada ou assediada, ou qualquer coisa do tipo, graças a Deus né? Mas em questão de segurança, eu tenho um pouco de medo de andar de uber, mas tá tudo bem*

Entrevistadora: *É... todas nós né...*

Maria: *É, acho que é porque a gente é mulher, entendeu?*

O assédio surgiu como fator de alteração de trajetos urbanos, associado a urgente pauta sobre a mobilidade, dentro da cidade. Gabi traz na entrevista um ocorrido que foi suficiente para que ela alterasse seu percurso pós aula, um caminho que duraria 5 minutos, da escola E.E Fernando Costa até o ponto de ônibus na praça central, para um trajeto de 20 minutos até um ponto mais próximo de uma outra escola da cidade, onde a sensação de segurança seria maior devido a presença de outros jovens. Quando indagada sobre sua segurança na cidade, ela relata:

Entrevistadora: *E você se sente segura? No transporte público, ou na cidade...? Como que é a questão da segurança pra você?*

Gabi: *Eu não sei dizer porque tipo, eu sempre andei sozinha né, eu sempre peguei ônibus sozinha. Só que lado bom é que quando você pega naquele horário é sempre um horário que todos os estudantes como eu, que moro aqui e estudo em Prudente, tá junto, então você não se sente tão vulnerável, porque tem muita gente lá, que pode ir com você e tals... então você não se sente sozinho. O problema é quando é num horário que não é aluno e tals, aí você fica... tipo, quando eu tava na turma da tarde no IE, não tinha ninguém que pegava o ônibus no horário junto comigo, e eu tinha muuuito medo de ficar no ponto lá do centro sozinha, porque só eu do IE...*

Entrevistadora: *Você tinha quantos anos?*

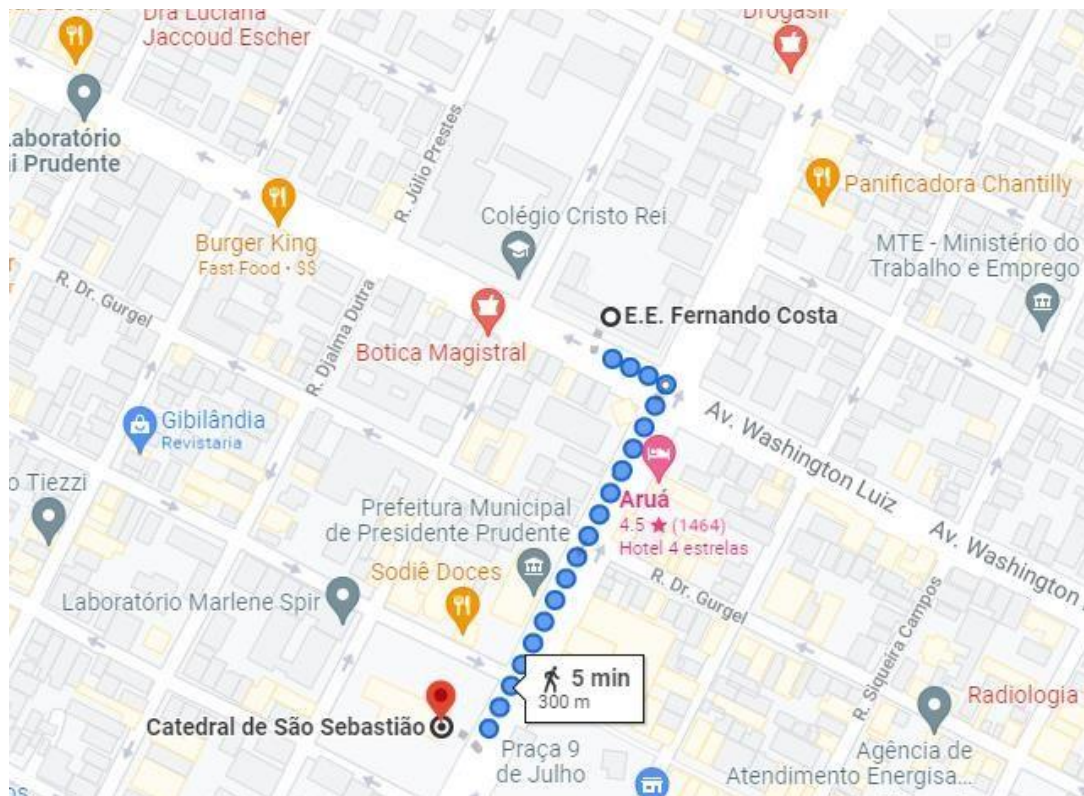
Gabi: *Eu tinha onze... é, dos 11 até os 14 anos. Eu tinha muuuito medo, porque uma vez um homem mexeu comigo no ponto, eu tinha muito medo, porque era escuro, era muito... e nenhum aluno pegava o ônibus lá, porque lá, naquele ponto, só passava Jandaia, que é o ônibus que eu pego, e os alunos não iam pra lá. Então eu fazia questão de ir até o Formosinho, que é uma escola longe, para poder pegar o ônibus no mesmo lugar que os alunos do Formosinho pegava, pra eu não ficar sozinha, eu tinha muito medo de ficar lá no ponto...*

Entrevistadora: *E era uma necessidade sua ou tua mãe também aconselhava você a ir até o Formosinho?*

Gabi: *Não... Eu ia mesmo por vontade própria, porque eu não tinha coragem de ficar lá, eu falava assim “não, eu prefiro andar do que ficar aqui”.*

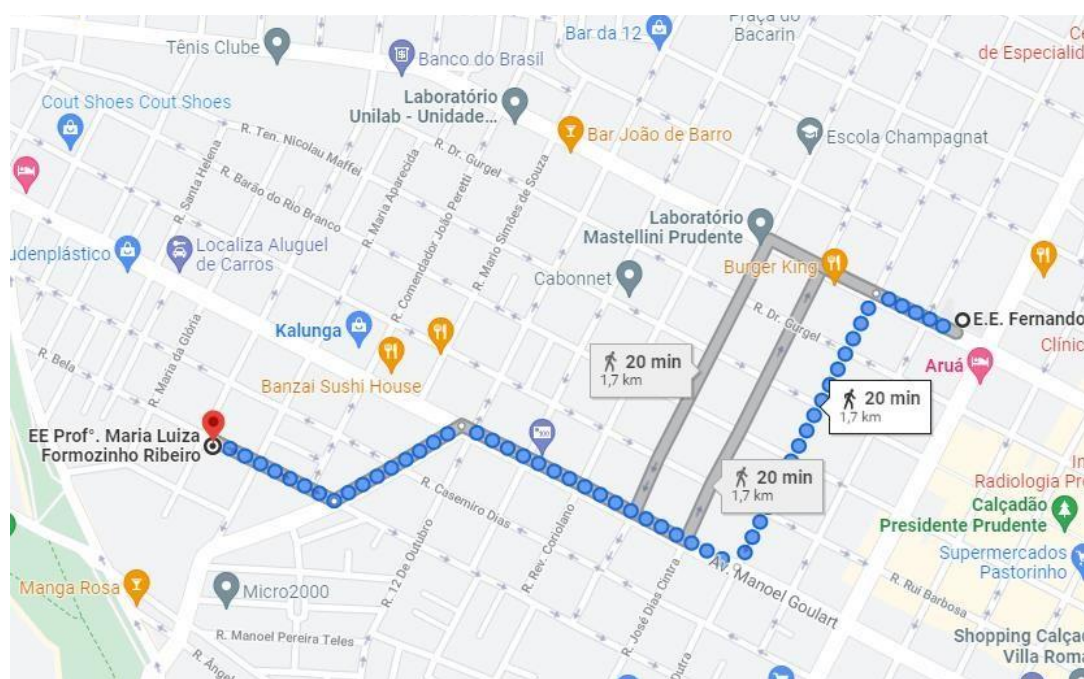
Nessa situação, a problemática é tanto uma questão referente ao gênero, quanto a mobilidade urbana. O transporte público deficiente, nesse caso, interfere de modo a alterar a própria experiência de cidade que, por ter o direito da segurança negado, faz com que seus trajetos sejam pensados levando em conta variantes que vão além de pegar um transporte público, se estende para uma logística de preservação da integridade física. Abaixo segue a simulação de dois trajetos, primeiro o trajeto mais que Gabi poderia fazer, segundo o que ela faz devido ao medo do assédio e a falta de segurança:

Figura 4 - Trajeto 1 - Gabi



Fonte: Autoria própria.

Figura 5 - Trajeto 2 - Gabi



Fonte: Autoria própria.

Sposito (1993), ao tratar da mobilidade urbana e da importância do transporte público para um certo rompimento da lógica segregativa entre centro x periferia, traz o transporte como um facilitador da experiência juvenil no que diz respeito ao acesso aos espaços de lazer centrais. Nessa perspectiva, pensando o caso da jovem Gabi, percebe-se que o contrário também ocorre, que a ausência de uma integração mais forte do transporte público provoca um afastamento do direito à cidade e, conseqüentemente, faz sua experiência de cidade ser atravessada pela marca da violência de gênero.

Aqui, soma-se o corpo feminino ao fator da ausência de uma malha urbana mais integrada, o que rebate na falta de segurança, no medo de espaços específicos, que vão alterar também a experiência de juventude da pessoa, voltando ao aspecto anteriormente citado, de que a vivência de juventude está diretamente ligada a marcadores sociais, nesse caso, o gênero. Portanto, se a experiência de juventude passa pela cidade e a cidade apresenta perigos para determinados corpos, logo, a cidade segrega e interdita espaços onde a jovem pode estar ou não, mesmo que de forma não declarada, apenas indireta. Queirós et al (2019), em pesquisa realizada em Portugal, voltada para o estudo da mobilidade urbana e gênero na perspectiva do trabalho, aponta a necessidade de se olhar para os marcadores sociais ao analisar a mobilidade na urbe:

A perspectiva de género na análise das mobilidades interurbanas ou mesmo intraurbanas, mostra que uma viagem casa trabalho ou uma simples caminhada podem ser experiências muito distintas para homens e mulheres. Estas diferenças ainda são mais marcadas, por exemplo, pelas diferenciações na cor da pele, identidade de género, idade e incapacidade física. (QUEIRÓS et al, 2019, p. 10)

A dimensão da mobilidade se mostra como um fator de peso para a análise dos processos urbanos desiguais e fragmentados. Assim como a própria fragmentação, a mobilidade é também um conceito polissêmico, carregando consigo variações escalares e temporais, e até mesmo diferenças no que diz respeito às maneiras de deslocamento (LEGROUX, 2021), dentre os tipos de mobilidades, tratamos aqui daquela que se passa no cotidiano, que ocorre diariamente.

Uma das importâncias da mobilidade reside no fato de que essa se apresenta, geralmente, em consonância com a mobilidade social, ou nas palavras de Legroux “Seja de forma ascendente ou descendente, a mobilidade cotidiana é um vetor essencial da mobilidade social.” (2021, p. 3), portanto, compreender o deslocamento cotidiano é compreender também a posição social dos sujeitos.

Além da pluralidade conceitual, a mobilidade é também heterogênea, uma prática ausente de qualquer neutralidade, que varia em cada contexto socioespacial, e é revestida das relações de poder (JIRÓN, P., GÓMEZ, J., 2018), por vezes estruturais, como no caso aqui

apresentado, onde a histórica opressão de gênero é a problemática que reverbera diretamente na mobilidade.

Se a mobilidade pode ser vista como um meio de acessar as imposições socioespaciais desiguais, ela pode também ser um vetor de subversão. No plano do cotidiano é onde ocorrem as transgressões dos sujeitos que, munidos por um desejo transformador, agem contra a lógica imposta, e se movem em direção aos espaços a eles negados “colocando o valor de uso acima do valor de troca, a qualidade por cima da quantidade.” (LEGROUX, 2021, p. 13).

Aqui a mobilidade está conectada, portanto, com a própria dinâmica da apropriação em si, assim como ao processo de fragmentação socioespacial, dada a importância da mobilidade cotidiana para o rompimento ou criação das barreiras espaciais e, conseqüentemente, ao direito à cidade dos sujeitos.

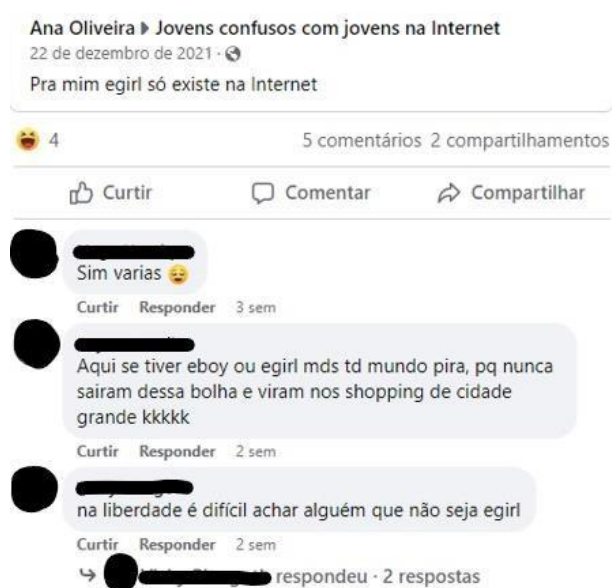
É nesse campo que as culturas juvenis dentro das cidades emergem em sua força, pois são, muitas vezes, as protagonistas dos movimentos de ocupação subversivos e transgressores, a exemplo dos jovens da Batalha do Vale, ou de grupos juvenis que passam a frequentar espaços voltados para outra classe, e provocam naquele local um estranhamento, como vemos abaixo, a partir de um *post* compartilhado no Facebook de uma das entrevistadas:

Figura 6 - Postagem Facebook



Fonte: Facebook de uma das entrevistadas.

Figura 7 - Postagem Facebook



Fonte: Facebook de uma das entrevistadas.

Tanto o post em si, quanto os comentários revelam que o espaço do Prudenshopping (principal shopping center de Presidente Prudente) parece apresentar uma dicotomia. Ao mesmo tempo que abriga muitos jovens da cultura e-girl/e-boy, segundo a legenda da jovem participante da pesquisa, os comentários apontam que a presença dessa cultura nesse espaço provoca um estranhamento, comentário feito a partir da comparação de uma cidade média, do interior, com “cidade grande” (nesse caso, São Paulo), que extrapolaria “bolha” não rompida pela cidade de Presidente Prudente. Outra questão apontada por essa postagem, a partir da legenda e dos comentários, é que essa cultura, apesar de ter origem no meio virtual, se estende para além dele e ocupa espaços físicos, de lazer e consumo, em Presidente Prudente também, mesmo que ainda sendo pouco em relação a cidades maiores.

A cultura E-Girl foi muito mais perceptível na colaboradora Maria através das redes sociais. Durante a entrevista, ela não comentou sobre a interferência dessa cultura em sua vida, o feminismo ocupou um maior espaço em suas palavras, o que ela apontou como algo que em grande parte foi aprendido fora da escola, através de livros, televisão e internet. A escola apareceu para ela apenas como complementar às suas ideias e não como espaço fundante de suas posições políticas.

Com base em tudo que foi descrito até o momento, pode-se pensar sobre a interação escola x cidade x culturas juvenis, em quais momentos e como cada uma transpassa a outra, como a prática docente pode operar em conjunto com as dinâmicas vividas e aprendidas fora

do espaço escolar, na cidade e nas culturas e coletivos juvenis, em especial, levando em conta a grande riqueza socioespacial e cultural da escola pesquisa que, centralizada geograficamente na cidade, é valiosa tanto em seu papel institucional quanto por ser lócus de diversidade, isso que é, por si só, enorme potencial educador.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – PROVOCAÇÕES, DESAFIOS E INCONCLUSÕES: UM BALANÇO FINAL DOS RESULTADOS ALCANÇADOS.

Para concluir, retoma-se aqui os objetivos iniciais da pesquisa, com a análise do que pôde ser respondido ou não, durante o percurso. Como objetivo geral, pensamos que a pesquisa poderia conhecer a experiência da fragmentação socioespacial a partir da posição de margem de jovens pobres ligados a coletivos culturais juvenis e as leituras que fazem da sua posicionalidade na cidade, a partir dos saberes que circulam nestes coletivos. E como objetivo específico, definimos que o projeto poderia contribuir para: i. Compreender como jovens de uma área periférica estão negociando a cidade e suas diferenças em Presidente Prudente a partir dos coletivos juvenis de que fazem parte; ii. Conhecer os tipos de saberes que circulam e são formados nesses espaços e tempos de socialização informais nos coletivos juvenis; iii. Compreender como instituem e negociam suas diferenças e suas pautas, tematizadas nos coletivos juvenis, nos espaços formais de aprendizagem, na Escola Fernando Costa; e iv. Trazer uma contribuição tanto aos coletivos quanto à escola, a partir da apresentação dos resultados da pesquisa.

Em relação ao objetivo geral, foi possível entender que, ao conhecer os/as jovens dessa escola pública, integrantes de coletivos e culturas juvenis, pode-se compreender como a cidade de Presidente Prudente recebe, ao mesmo tempo que também produz esses/as jovens, a partir tanto do oferecimento de espaços específicos de lazer, onde todos acabam se cruzando de alguma forma, como a cidade em suas opressões e violências, diretas ou não, a determinados corpos, que provocam nesses/as jovens vivências geográficas das mais variadas, desde sensação de segurança, como o exemplo de Fernando que se “encontrou” em um movimento de rua, de apropriação do espaço público, como no de Maria e Gabi, que têm sua experiência de cidade diretamente atravessada pelo gênero.

A respeito da cidade de Presidente Prudente, apesar da lógica urbana de afastamento dos mais pobres do centro da cidade e a crescente autosegregação em condomínios fechados (DAZ POZZO, 2022), as jovens e os jovens colaboradoras demonstram um movimento semelhante, em direção à uma “mancha de lazer” específica, apesar de habitarem bairros distintos e periféricos, aparentam encontrar na mesma área da cidade a concentração de seus grupos de sociabilidade, o que lhes franquia acesso à uma experiência juvenil no campo do tempo livre. Uma área que é um dos locais mais importantes da cidade, do ponto de vista da oferta de diversão noturna, dada a concentração de estabelecimentos voltados à vida noturna

situados nas vias do Parque do Povo. Tal informação nos colocou a refletir sobre a potencialidade das culturas juvenis de Presidente Prudente em resistir à lógica da fragmentação socioespacial, um dado provocativo que nos põe a pensar que analisar a fragmentação pelo prisma das juventudes e suas práticas espaciais se apresenta como um caminho promissor e instigante para os estudos geográficos urbanos.

A configuração espacial desta área referida como “mancha de lazer”, em que se associam, como pontos de atração de fluxos, estabelecimentos comerciais de diversão noturna, shopping center e o principal espaço público da cidade, criou ali uma área central, cuja centralidade se vê elevada em sua potência a partir da sexta-feira à noite, estendendo-se pelo final de semana, apesar de se expressar em outros dias da semana, também. Esta área atrai jovens de diferentes classes sociais que, apesar de estarem ali, não chegam a se encontrar (a não ser em passagens rápidas pelo shopping center). O peso do espaço público central na sociabilidade dos jovens e das jovens das periferias empobrecidas de Presidente Prudente é algo notório. Tema que já foi desenvolvido por Barreto Netto (2015). Nossa pesquisa evidencia a continuidade das interações espaciais entre jovens da periferia e esta área central, com destaque para o Parque do Povo, essa ligação periferia e centro passando pela apropriação do espaço público, que também não se desconecta do privado (SOBARZO, 2006).

Cabe aqui a autoanálise no que diz respeito à ausência de perguntas que nos fizessem chegar à melhor compreensão sobre as formas de deslocamento desses/as jovens, com quem circulam, quanto tempo permanecem no local, como voltam etc. Avaliamos que essas perguntas poderiam constituir parte do instrumento da entrevista, e sua ausência provocou também a falta de um melhor entendimento dessa dinâmica de circulação dos colaboradores.

A pesquisa, por ter sido realizada a distância, em um período de isolamento social, não pôde chegar em uma noção tão aguçada quanto provavelmente chegaria se fosse presencial, porém, foi possível reparar que a negociação que esses/as jovens fazem da cidade está sim ligada as culturas e coletivos em que participam. Os/as jovens tendem a experienciar o espaço urbano a partir do agrupamento em pares com seus semelhantes, o que lhes confere segurança em suas deambulações pela cidade.

A negociação pode ocorrer de algumas formas, desde o enfrentamento direto com as forças institucionais, como a polícia, na Batalha do Vale, até a presença de uma jovem E-Girl em um espaço de consumo, em uma cidade que aparenta não receber ainda tão fortemente a influência de culturas nascidas na internet, como recebem as cidades maiores. Vale fazer aqui uma ressalva, esse objetivo poderia ter sido muito mais acessado se houvesse a oportunidade

de observação presencial, uma vez que isso ofereceria noção real de como alguns espaços recebem determinados sujeitos, como eles performam e quantos deles circulam nesses espaços, se é uma quantidade expressiva ou nem tanto.

De qualquer modo, o segundo objetivo específico foi possível de ser alcançado. No que diz respeito aos saberes produzidos nos coletivos e culturas, foi notável como eles não só existem, mas têm impacto direto na visão de mundo e, consequentemente, posicionamentos desses/as jovens. Os tipos de saberes produzidos nas culturas e coletivos que se identificam são aqueles que aparentemente mais refletem ou formatam suas vivências pessoais, são saberes que têm conexão com seus anseios e aflições. Maria enquanto mulher feminista tensiona o ambiente familiar com as ideias do movimento. Ester se direcionou para uma cultura mais “consciente”, uma vez que não mais se identificava com o que era colocado na outra cultura que acessava, processo de mudança que veio de diversas partes, como escola e família. Outro exemplo é Gabi e o que aprendeu com os HQs, que reflete nela em forma de ajuda para enfrentar as dificuldades que encontra. Assim como Fernando, que consegue compreender marcas da raça nos conflitos na cidade, fazendo parte do movimento Hip Hop, esse que tem por característica a forte questão racial.

Com isso, o terceiro objetivo específico teve respostas relacionadas ao segundo, pois foi possível perceber que os saberes adquiridos nos espaços informais não se desligam dos saberes produzidos no ambiente escolar, esses que chegam ora como conflito, ora complementares. Dizer isso significa afirmar que a escola é espaço tanto de conflito como de encontro, fato que foi possível perceber a partir da proximidade ou afastamento do/as jovens colaboradoras com professores, matérias, conteúdos e ações da escola.

A negociação desses saberes no espaço escolar se manifesta através das demandas que eles têm, as necessidades que eles possuem de que seja levada à escola alguma pauta que julgam importante, desde a saúde mental, até a pauta LGBTQIA+, é interessante perceber também que os/as jovens possuem noção dos momentos em que o espaço escolar abandona ou ignora algumas demandas trazidas. O movimento de aproximação ou afastamento desses/as jovens aparentou ser relacionado ao quanto eles enxergam os saberes e identidades que partilham fora da escola serem trazidos ao ambiente escolar. É o processo de identificação com o corpo docente, matérias e conteúdos que vai interferir no nível de interesse que desenvolvem, assim como na própria trajetória de vida, a exemplo da estudante que seguiu uma graduação de química, após desenvolver proximidade com o professor.

O último objetivo específico pretende ainda ser realizado, poder retornar à escola e aos jovens colaboradores o resultado do que fora produzido, na intenção de contribuir, mas também de avaliar em conjunto o que a pesquisa resultou e quais podem ser os debates derivados dos assuntos trazidos. Considera-se também que ficaram algumas lacunas, como poder compreender melhor a performatividade desses/as jovens em seus ambientes de coletivos, uma vez que o único acesso a isso foi realizado pelas redes sociais, uma interação presencial poderia ter contribuído para essa lacuna. A própria conduta em sala de aula, como esses/as jovens se relacionam no ambiente escolar também ficou defasado, já que a escola estava em sistema EAD. O questionário, apesar de oferecer pistas e dados que puderam ser aproveitados, teve baixa adesão do que era esperado pela pesquisa, o que provocou uma porcentagem também abaixo do que necessitaria para melhor aproveitamento das respostas.

Contudo, a pesquisa também ofereceu novas questões, com potencial para serem desenvolvidas em outros projetos, tal como a mobilidade urbana e a questão do gênero, trazida pela experiência de cidade da colaboradora Gabi. Outro potencial tema é o que surgiu a partir do considerável número de respostas relacionadas a coletivos religiosos, deixando em aberto a questão das razões pelas quais é tão expressiva a quantidade de coletivos religiosos juvenis na cidade. O meio virtual também instigou a reflexão, em especial, devido à grande atividade dos/as jovens nas redes, o que considero que poderia ser mais bem aproveitado e trabalhado, suas performances e usos das redes sociais, e como se manifestam suas culturas e consumos.

Apesar dos percalços provocados pelo período da pandemia, que causou certo afastamento em relação ao espaço e convivência pessoal com os participantes, os resultados puderam provocar reflexões e oferecer algumas respostas sobre a interação culturas juvenis x escola x cidade, deixando evidente que a ligação e interação entre esses três “personagens”, protagonistas da pesquisa, não só existe como se constituem mutuamente.

Momentos em que as expressões culturais se esbarram nos saberes aprendidos na escola, momentos em que as visões que os jovens possuem sobre suas próprias experiências urbanas são feitas pela ótica da posição política que possuem, como o exemplo de Maria, que entende seus medos, sentidos na mobilidade e circulação urbana, a partir do fato de habitar um corpo biologicamente feminino. A análise crítica apresentada por Gabi, sobre os comportamentos da direção escolar, entendendo-os como comportamentos seletivos em relação aos temas que merecem ser abordados, assim como Fernando, que possui a consciência da violência policial como algo que não se aparta do racismo, e Estela que alterou seu consumo cultural por conta de orientações que também recebeu em ambiente escolar.

Com base em tudo isso, conclui-se que a pesquisa caminhou para responder aos objetivos e desafios colocados, apesar das dificuldades enfrentadas pela conjuntura em seu período de vigência. A escola, os coletivos juvenis e a cidade se mostraram claramente vinculados, através tanto das tensões entre os saberes conflitantes, como das experiências de cidade que os/as colaboradoras possuem, sejam de apropriação do espaço, como na própria circulação urbana, sentindo a ausência de segurança ou de espaços de lazer mais variados.

O espaço escolar apresentou seu imenso potencial transformador, tendo seu valor na construção de identidade e trajetória de vida dos sujeitos. Por fim, pode-se concluir que a complexidade urbana atravessa o espaço escolar, e vice-versa, e que analisar pelo caminho das juventudes em suas expressividades culturais é um caminho que demonstra oferecer tanto mais respostas como também outras perguntas, entendendo sempre o cotidiano como importante ferramenta de análise, em seu dinamismo e movimento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, 1997.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano**. São Paulo: Scritta, 1994. p. 81 - 149.
- BARRETO NETTO, Adolpho. **Centralizados do lazer em Presidente Prudente: Fluxos, Tensões e Territorialidades no Parque do Povo**. 2015, 129 fl. Monografia de Conclusão de Curso – Bacharelado em Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologia Unesp, Campus de Presidente Prudente, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005.
- BERNARDES, Antonio. Como pesquisar as redes sociais virtuais em Geografia? **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia. Rio Claro**, v. 18 n. 2 (2020). 2021.
- BILGE, S; COLLINS, P. H. Interseccionalidade. 1. ed. São Paulo: **Boitempo**, 2020.
- BOURDIEU, Pierre. A "juventude " é só uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Margens 47, 2003. p. 151 - 162.
- CARRANO, Paulo. A participação social e política de jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O social em questão**, ano XV, n. 27, p. 83 - 100, 2012.
- CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, pp. 07-22, set./dez. 2011.
- DAL POZZO, Clayton. Fragmentação Socioespacial: Práticas espaciais do consumo segmentado em Ribeirão Preto e Presidente Prudente. **Revista da ANPEGE**. V. 11, n. 16, p. 279-324, 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6435>. Acesso em: 19 set. 2022.
- DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Igreja Bola de neve: mais uma novidade no mercado neopentecostal. **Revista Nures**. n. 11. jan./abril. 2009.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.
- FERNANDES, Dalvani. Conformação simbólica do espaço: um estudo sobre a relação hip-hop e religião. **Revista GeoTextos**. vol. 13, n. 1. p. 149-169, 2017.
- HALL, Stuart. A identidade em questão. HALL, Stuart. **Identidade e Cultura na Pós-Modernidade**. 11ª Ed. São Paulo: DP&A Editora, 2006. p. 7 - 22.
- JIRÓN, P., GÓMEZ, J. Interdependencia, ciudad y género desde las estrategias de movilidad en la ciudad de Santiago. **Revista Tempo Social**. v. 30, n.2, 2018.
- LEGROUX, Jean. A triplicidade do espaço e das práticas cotidianas de mobilidade para o estudo de fragmentação socioespacial. **Geographia (UFF)**, v. 23, p. 1, 2021.

MASSEY, Doreen B.. **Space, place and gender**. 6 ed. Minnesota: University of Minnesota Press Minneapolis, 2009.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; KAERCHER, Nestor André. O jovem contemporâneo e sua escola: sobre encontros e desencontros. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 10, n. 3, p. 321-340, 2016.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação - uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017

QUEIRÓS, Margarida et al. Igualdade de Género nas Geografias Espaço-Temporais: Uma Análise a partir de Dispositivos Móveis. **Revista Latino-Americana de Geografia e Género**, v. 10, n. 1, p. 0325, 2019.

REGUILLO, Rosana. Navegaciones errantes. De músicas, jóvenes y redes: de Facebook a Youtube y viceversa. **Comunicación y Sociedad**, n. 18, p. 135-171, 2014.

SALVI, Bruno. **Para além da praça!: a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo UNESP. Presidente Prudente, p. 215. 2023.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intraurbana. In: (Org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média. Presidente Prudente**: s. n., 2001. p.235-53.

SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Fragmentação Socioespacial**. Mercator (Fortaleza). Universidade Federal do Ceará, v. 19, p. -, 2020.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**, São Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

TURRA NETO, Nécio. Microterritorialidades nas cidades: uma introdução à temática. **Revista Cidades**. v. 10, n. 17, 2013.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 135-154.